

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

Mulheres entre regras e redes: o entra e sai do jumbo nas unidades prisionais de Guarulhos.

Disciplina: FSL0204 - Métodos e Técnicas de Pesquisa II (2021)

Professores: Márcia Lima, Alvaro Comin e Murillo Marschner Alves de Brito

Grupo 5

Ana Paloma Barbosa; noturno;10409710
Anna Clara Pereira Soares; noturno,11842171;
Aymê Brito Mendes; noturno, 11761302;
Diana M. B. Pestana; noturno; 11760490
Gabriella C. Costa Ferreira, noturno; 11760941
Juliana da Silva; vespertino; 10631952
Luísa Helena Marcondes; noturno;9016205

São Paulo

2021

Introdução: os desafios do campo	2
1. Apresentação do tema e da relevância de estudá-lo	4
2. Discussão bibliográfica	7
3. Definição do problema de pesquisa	11
4. Hipótese(s)	12
5. Demarcação do campo	14
6. Descrição dos métodos: por que entrevista semiestruturada?	15
6.1 Entrevistas de profundidade semi-estruturadas	15
6.2 Dados Públicos	17
6.3 Material complementar	18
7. Principais dificuldades encontradas	19
8. Apresentação dados públicos	20
8.1 Perfil dos homens encarcerados em Guarulhos	20
8.2 Das visitantes	21
8.3 Dos Jumbos de Guarulhos	22
9. Descrição e análise dos dados qualitativos.	22
9.1 Montando o jumbo: entre gênero, poder e trabalho	22
9.1.1 “Eu vou contar: pra mim, pra mim é um tormento”	23
9.1.2 A segunda casa de Carolina	24
9.2 Apresentação das categorias de análise das entrevistas:	26
9.2.3 O trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres	29
9.2.4 Consequências do jumbo	31
APÊNDICE	33
1. Gráficos	33
2. Pedidos, recursos e respostas - SAP	35
3. Pedido feito aos Correios	37
4. Roteiro entrevista de profundidade	38
5. Esquema da categorização:	43
6. Lista do que pode entrar no jumbo do Adriano Marrey:	44
BIBLIOGRAFIA	45

*Eu agradeço pela visita
Graças a Deus ainda tenho família
[Realidade Cruel, 1998]*

*A gente acaba ficando presa também
presa na saudade, presa na preocupação,
presa na correria e principalmente presa
[Autor anônimo, foto de capa grupo do Facebook
"Solta o preso seu Juiz"]*

Introdução: os desafios do campo

Como se dá o “entra e sai” e as relações estabelecidas ao redor do “jumbo” nas penitenciárias de São Paulo? Desde o primeiro contato com o jumbo, refletimos a sua importância e seu impacto na vida das pessoas envolvidas com esse objeto que, por vezes, passou despercebido nos estudos sobre o cárcere no Brasil. Entretanto, o desenvolvimento da pesquisa foi bastante desafiador, assim como as dinâmicas envolvidas no trajeto do objeto, já que não são dinâmicas simples e que possuem diversas ramificações, envolvendo a prisão e os/as sujeitos/as, especialmente mulheres e as pessoas em situação de cárcere.

Quanto mais a submersão no trabalho era feita, mais entendíamos sobre ele e sobre a necessidade de algumas mudanças para prosseguir. A primeira mudança visou a viabilidade da pesquisa em relação às nossas limitações, seja pela pandemia, pela rotina não exclusiva à academia da maioria das integrantes do grupo ou por circunstâncias exteriores. Nosso objetivo de início era acompanhar o jumbo fisicamente, indo até algumas interlocutoras etnografando sua rotina de montagem do jumbo. Entendemos que isso não seria possível por falta de tempo. Porém, também refletimos que não era estritamente necessário acompanhar o jumbo fisicamente para acompanhar a teia de relações que eram estruturadas no seu entorno. Para isso, conversar com as principais envolvidas nesse processo, as mulheres familiares, já nos traria informações muito significativas.

Outro ponto de mudança foram as hipóteses. Antes tratávamos o trabalho executado por essas mulheres como invisível e não remunerado, hoje entendemos que isso é sintetizado pelo conceito de trabalho reprodutivo. **Para ela,**

O cuidado não é apenas uma atitude de atenção, é um trabalho que abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Assim, podemos defini-lo como uma relação de serviço, de apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem” (KERGOAT, Danièle, 2016, p. 17-26, *apud*, LINS, 2019, p. 10)

Em resumo, o trabalho reprodutivo não é reconhecido econômica ou socialmente, assim como aquele exercido pelas mulheres nas prisões ou para as prisões (LINS, 2019).

Além disso, também entendemos que uma de nossas hipóteses iniciais, que apontava que as mulheres eram maioria nesse processo de montagem do jumbo, na verdade era um

pressuposto, comprovado por dados extraídos a partir da SAP — Secretaria e Administração Penitenciária, via solicitação no canal SIC — Serviço de Informação ao Cidadão, em que 91,8% das pessoas que visitam os Centros de Detenção Provisória de Guarulhos I e II, com cadastro, são mulheres.

Quadro 1: Gráfico do perfil de gênero em 2021 dos CDPs I e II de Guarulhos



(Gráfico de confecção do grupo com dados da SAP via SIC 2021, englobam CDP I e II de Guarulhos)

A outra mudança aconteceu no nosso referencial empírico. Percebemos algumas dinâmicas institucionais sobre a realocação e a rotatividade das pessoas em situação de cárcere. Todos os familiares de nossas cinco interlocutoras passaram por CDPs e seguiram para diferentes penitenciárias da região metropolitana diversas vezes — e muitas delas a família sequer era avisada no momento ou antes da transferência.

Um exemplo desse acontecimento foi ocasionado pelo fechamento da unidade de Guarulhos II para reforma, em que os que estavam privados de liberdade nessa instituição foram encaminhados para as penitenciárias Desembargador Adriano Marrey e José Parada Neto. Sendo assim, não fazia sentido a restrição inicial por interlocutoras com familiares atualmente presos apenas em CDPs.

Além disso, devido à rotatividade dos CDPs, alguns dados essenciais para análise ficaram de difícil compreensão, por exemplo, o número de pessoas em situação de cárcere e a quantidade de jumbos recebidos por cada um. Os últimos, eram dados que a SAP não reunia ou não disponibilizava de forma desagregada. O problema no fornecimento de dados também representou um entrave, já que eram mal geridos e, inclusive, chegamos a encontrar erros em algumas contabilizações que nos enviaram, pode ser conferido no apêndice .

1. Apresentação do tema e da relevância de estudá-lo

*Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes.
[RACIONAIS MC'S, 1997]*

No vídeo “Dia de Visita? *arruma o jumbo comigo* PARTE 1”, postado no *Youtube* em setembro de 2019, *Keeh Alves* nos convida a acompanhar momentos que giram em torno da arrumação do jumbo que ela enviará para o seu companheiro que ainda aguarda julgamento, preso em um CDP — Centro de Detenção Provisória — localizado na cidade de Caraguatatuba, litoral de São Paulo, o estado com o maior número de prisões do Brasil (SILVESTRE, 2008). O intuito da divulgação dos vídeos é ajudar outros familiares de pessoas privadas de liberdade, que podem estar buscando mais informação sobre o assunto.

Ao longo da gravação, *Keeh* mostra detalhes sobre a maternidade, cuidados de beleza e todos os processos em torno da preparação da bolsa transparente que terá como destino final o CDP onde está seu companheiro. Seu marido faz parte das, aproximadamente, 217 mil pessoas presas nesse tipo de unidade prisional brasileira, segundo dados do INFOPEN de 2014. É possível ver tudo que é enviado na caixa — objetos de higiene básica à alimentação e também itens para a comunicação, como envelopes e selos —, além dos preços, marcas e a forma como os produtos são retirados de suas embalagens originais e reembalados em sacos plásticos transparentes.

A rotina demonstrada nos vídeos de *Keeh* é próxima a de muitas familiares de pessoas em situação de cárcere em instituições penais masculinas que também precisam enviar o Jumbo. Isso porque nas principais unidades prisionais de São Paulo, o acesso da população carcerária a itens importantes para manutenção de sua vida é cumprido por ações do âmbito familiar.

Não só os vídeos de *Keeh* dão conta de demonstrar a presença e importância deste objeto, como é comum que as discussões públicas sobre o sistema carcerário sejam

acompanhadas do debate sobre jumbo. Em uma busca rápida sobre o *universo prisional* — seja nos grupos das familiares, nas redes sociais, ou observando as filas que se formam em dias de visitas — ele é facilmente encontrado. Nas músicas do rapper Dexter e do grupo Racionais MC's, conhecidos por relatarem o dia a dia dos sistemas prisionais no Brasil, o jumbo também se faz presente:

“Em dia de visita pega a fila e tira a roupa
Agacha levanta senta num banquinho
Jogam suas bolsas no chão de um quartinho qualquer
Cheirando a mofo sujo sem respeito nenhum
Revistam o jumbo com despeito, atitude comum
Não pode isso, não pode aquilo
Comida racionada não passa de 1 kilo
E a imprensa ainda diz que preso se alimenta bem
Que é só mordomias às custas de alguém”
[DEXTER, 2016]

Seja no vídeo de *Keeh* ou no Rap, o jumbo é um tema de grande importância na vivência daqueles que estão inseridos no sistema penitenciário e para aqueles que adentram no sistema ou fazem parte dele. Esse é o caso das familiares dos homens em situação de cárcere, como identificamos a partir do Gráfico 1

É a partir disso que iniciamos nossas reflexões acerca do universo prisional, do jumbo e, sobretudo, àquelas que estão em seu entorno: as mulheres. No contexto do sistema prisional, a família, sobretudo, as familiares, são responsabilizadas por suprir algumas das necessidades básicas das pessoas encarceradas, uma vez que são as que mais visitam e as que mais estão envolvidas nos processos buscando atender as demandas dos homens em situação de cárcere.

Outra questão é que não é possível encontrar definições formais ou dicionarizadas sobre esse objeto, mas podemos definir o jumbo a partir do relato das mulheres: um compilado de itens alimentícios, de higiene pessoal, roupas, medicamentos, cigarros, produtos de limpeza e papelaria, que são regulados e estabelecidos previamente, por meio de listas disponibilizadas no *site* da SAP, repassadas em grupos de *WhatsApp* ou em dias de visita.

Nas listas redigidas pelas instituições são limitadas cores, quantidades e variedades dos itens. Entretanto, tais listas estão sujeitas a mudanças contínuas e sem aviso prévio. A entrada dos jumbos nas unidades prisionais é autorizada por funcionários e agentes penitenciários quando entregue em mãos por algum familiar do encarcerado ao

presídio ou por meio da modalidade de envio SEDEX da companhia estatal Correios, dentro de caixas de papelão, o que se tornou a principal forma de enviar durante a pandemia.

A forma como o objeto é embalado e o seu peso o nomeia: o jumbo se refere a algo pesado. De fato, o seu peso pode chegar até doze quilos, variando de acordo com os itens, especificidades e estabelecimento penal. **Mas não só o peso justifica o apelido: as rotinas exaustantes que envolvem trabalho, cuidado e dedicação das familiares em sua montagem são tão pesadas para a saúde psicológica e física delas, quanto o conteúdo da caixa.**

Essa relação entre o sistema prisional, as mulheres e o jumbo, também se tornou aparente entre as próprias integrantes da pesquisa. Duas das integrantes passaram a estabelecer relações com pessoas privadas de liberdade durante a pandemia ou acompanharam a rotina de mulheres montando jumbos. Foi a partir deste primeiro contato, que passamos a discutir as questões raciais, econômicas e de gênero, atravessadas na relação entre nós e a prisão. E o jumbo, objeto até então desconhecido, passou a se tornar presente e começou a instigar a nossa curiosidade.

Tendo em vista todos esses apontamentos e definições básicas feitas previamente, escolhemos trabalhar acompanhando a movimentação ao redor do jumbo, objeto que “entra e sai” do sistema prisional, mas que está inserido em relações para além de sua entrega. Acompanhamos os jumbos nas redes sociais, nas músicas, nas conversas com as mulheres e em nossas conversas internas. Pretendemos investigar todas as etapas envolvidas na sua movimentação, desde o supermercado, onde os objetos são comprados, o trajeto até a unidade prisional e como sua movimentação só se realiza devido ao trabalho e a capacidade de agência das familiares .

Não encaramos a prisão como uma instituição análoga a uma fortaleza impenetrável, mas sim uma instituição porosa, formada por circulação de pessoas, informações e objetos para compensar sua precariedade (GODOI, 2015, p. 142). Dessa forma, esperamos, a partir do nosso trabalho empírico, alcançar resultados relevantes no campo da mobilidade, dos estudos de gênero, do punitivismo e das relações de cuidado.

2. Discussão bibliográfica

A rotina da montagem do jumbo exibida por *Keeh* na parte um (e dois) do vídeo postado no Youtube, começou na terça-feira. No início da gravação ela diz que deixou o

filho na casa da amiga, e foi ao centro de Campinas, de ônibus, comprar “as coisas” do jumbo. *Keeh* grava seu deslocamento pela cidade, indo em supermercados, depois passando nos Correios para deixar a carta que fez para seu marido. Por fim, quando chega em casa, avisa no vídeo que vai buscar o filho.

Na quarta-feira, *Keeh* voltou ao supermercado (desta vez com o filho) para comprar o que faltou. Ao chegar em casa começa a gravar, às 22h39, a montagem da bolsa de jumbo do marido (uma bolsa grande, transparente e de plástico). Ela mostra o que entra e o que não entra. O bolo não pode ser caseiro e não pode passar de 500g, mas como ela não encontrou um peso exato, comprou dois pacotes de 200g. O valor do bolo foi R\$1,99 cada, ela especifica, e coloca todos os objetos que comprou no saco plástico transparente, como manda a regra. Na quinta ela compra as últimas coisas e quase finaliza o jumbo, porque sexta ainda vai comprar algumas frutas na feira com a avó, depois fazer depilação e hidratar o cabelo.

Já na parte dois do vídeo, intitulado “Dia de visita 2 ? Jumbão? vlog parte 2” de aproximadamente 23 minutos, *Keeh* diz ser meia noite e trinta da sexta-feira, ela inicia a gravação montando a bolsa de jumbo do seu filho (são as roupas e itens que o bebê vai precisar durante a visita) para a ida a penitenciária. Ela pede ajuda no grupo “das meninas do CDP” para saber qual tipo de *body* e quantos pode levar. O macacão infantil com ferrinho (botão de ferro para abotoar a roupa) só entra na parte de Jumbo, avisou as meninas do grupo, e só pode levar até 5 peças. A meia do bebê também só entra se não tiver nada de metal. Após terminar de separar as roupas ela vai dormir. Sexta, enfim, é o dia de visita e de entregar o jumbo. *Keeh* vai levar o filho junto pela primeira vez.

Essa breve descrição dos vídeos da *Keeh* mostra uma série de cuidados ao redor da confecção dos jumbos, do tempo e do deslocamento envolvidos no processo, além da circulação de informação entre as “mulheres de preso” e a presença intensa da prisão em sua vida, que, mesmo estando em situação de liberdade, vivencia uma relação íntima com a prisão para fora de seus muros. Em nosso caso de análise, a relação mulher-prisão está materializada na montagem e envio dos jumbos.

A antropóloga Nathalia Lago demonstra em sua etnografia “Dias e noites em Tamara — prisões e tensões de gênero em conversas com ‘mulheres de preso’” que o encarceramento implica não só na ausência do familiar, mas na constante presença da prisão, que invade o bairro, a casa, a vida das familiares¹ (LAGO, 2019, p. 4).

¹ Usaremos aqui “das familiares”, porque assim como Lago (2019, p. 3), assumimos que as questões de gênero são centrais para compreender a dinâmica e o movimento da prisão, em especial do jumbo.

O vídeo da Keeh também ilustra como a instituição pública, a despeito de sua ausência em fornecer os alimentos e os kits de higiene do jumbo, está muito presente nessa regulação do que entra e sai da prisão, no que circula e se move para dentro dos muros. Segundo Lago, “toda essa preparação [do jumbo] é demandada pela instituição penitenciária — que estabelece desde materiais plásticos da sacola aceito como até a cor branca do sabonete que pode entrar na prisão — ” (2019, p. 11), a autora ainda especifica a necessidade das mulheres de cortar chocolates, descascar balas, dentre outras demandas.

Nesse sentido, o jumbo é cercado por essas regras, que variam consideravelmente a cada unidade prisional, tendo cada uma das unidades autonomia administrativa para delegar como, quando e o que pode ser enviado (GODOI, 2015, p. 131). Apesar de não ter uma regra única, o que segue e o que não segue no jumbo é muito bem delimitado e especificado pelas instituições prisionais. Como diz Rafael Godoi, no texto “Vasos comunicantes, fluxos penitenciários: Entre o dentro e fora das prisões”: “as agências estatais da administração prisional operam, em grande medida, gerindo estes múltiplos e indispensáveis fluxos de pessoas, coisas e informações que entram e saem da prisão, precisamente, para fazê-la funcionar” (2015, p. 136).

A via institucional prevê esses vasos comunicantes, as interações e os vínculos entre dentro e fora da prisão — como o jumbo — , a instituição cria obstáculos e critérios para barrar ou permitir a circulação (GODOI, 2011b). Assim, para além da importância que tem para o homem privado de liberdade, o jumbo é de intensa importância para a própria existência da prisão, pois, nos termos de Lins, “fazem a cadeia girar” (2019, p. 15), tanto é que esta regula nos mínimos detalhes o que entra nele e de que forma entra, mobilizando, inclusive, seus funcionários e seu aparato burocrático para a fiscalização da bolsa ou da caixa, no caso de ser enviado pelo SEDEX, o que tornou-se obrigatório² com a pandemia da COVID-19 e a suspensão, ou restrição, das visitas.

Apesar do jumbo se dar num movimento físico de objetos, no sentido de Büscher e Veloso (2018), as mulheres precisam se mover para montar o jumbo, e mover-se tanto fisicamente, quanto mover-se no sentido de agência, de ações que solucionem as demandas que a prisão traz, **o que envolve criar formas de acesso às informações do que pode e o que não pode, entender os “códigos” do universo prisional.**

Na descrição de Rafael Godoi (2015, p. 133), Mercedes precisa da ajuda de

² A publicação ocorreu pela SAP- Secretaria Assistência Prisional em 25/03/2020 em seu site oficial. A matéria está disponível em: <http://www.sap.sp.gov.br/noticias/pauta-25-03-20.html>

outras pessoas, da sobrinha, vizinha e do filho, para ir ao mercado, limpar a casa e preparar a comida do jumbo. Quem entrega a bolsa é uma conhecida, que têm carro, e leva o jumbo do filho de Mercedes junto com o do seu marido, eles são do mesmo pavilhão. Mercedes ajuda na gasolina e faz mais pratos, para compensar a ajuda. Segundo Godoi, para Mercedes é especialmente difícil porque no presídio onde seu filho está o dia de visita é diferente do dia de entrega do jumbo, ou seja, ela precisaria largar seu salão outro dia além do dia de visita. A colega, então, leva os itens do filho de Mercedes junto com o do marido dela, como se fosse um só jumbo.

Godoi ainda relata as viagens de Marluce, na qual, com o processo de interiorização das prisões que São Paulo passou durante o governo do PSDB (SILVESTRE, 2008), a penitência de seu filho fica a mais de setecentos quilômetros de sua moradia, sendo necessária toda uma logística para visitar e entregar o jumbo ao menino. (GODOI, 2015, p. 134)

Nesse sentido, a presença da prisão em sua (i)materialidade — a distância da prisão da casa da família; as regras de visitação; quando é o dia de visita; se precisa perder um dia de serviço; se pode ou não enviar o jumbo no dia da visita; as regras de envio do jumbo; o acesso às informações sobre o funcionamento da prisão — modificam a dinâmica familiar, reestruturando as famílias envolta da presença da prisão (GODOI, 2011, p. 147) — em nosso caso específico, em volta do jumbo — e da ausência do ente privado de liberdade.

Um ponto destacado pela criminóloga Mariana Lins, no texto “Na Casa e Na Cadeia”, é como a presença da prisão se materializa, muitas vezes, antes mesmo do familiar ir preso. A prisão, a depender do perfil de mulheres, (aqui o racismo, as desigualdades de classe e desigualdades territoriais operam como marcadores), é um “futuro possível ou mesmo provável, e altera profundamente a vida de homens e mulheres, meninos e meninas, que ali vivem” (2019, p. 08). Assim, para algumas mulheres enviar jumbo já é uma ideia real, por conhecerem ou terem contato com outras mulheres que enviaram ou enviam jumbo.

Agora, quanto aos procedimentos metodológicos, ficou nítido para o nosso grupo a necessidade de estudar o jumbo partindo de uma perspectiva móvel, saindo do que John Urry chamou de “sedentarismo epistemológico”, já que, desde sua montagem até a sua entrega (ou não, já que os jumbos podem ser barrados), o processo se dá em constante movimento ou barragem de movimento. Estudar um objeto partindo do paradigma das mobilidades, como propôs Urry, é compreender as dinâmicas e as circulações que o envolve, seja nas redes sociais, nas idas ao supermercado, ou na gerência da rotina.

Os fluxos e os vasos comunicantes que Rafael Godoi defendeu em sua tese (2015) se dão por meio da circulação de coisas, de pessoas e de informação, do movimento das familiares de pessoas em situação de cárcere, criando vínculos — e, principalmente, tensões — com a instituição. E no caso do jumbo, segundo Godoi, “as visitas, os jumbos e suas viagens aparecem, então, como vasos comunicantes fundamentais.” (GODOI, 2015, p. 141).

Nós pensamos o jumbo como um vaso comunicante, mas, para além disso, um objeto que reestrutura as dinâmicas da vida das mulheres familiares de pessoas em situação de cárcere. Dessa forma, como defende Godoi em “Para Uma Reflexão Sobre Os Efeitos Sociais Do Encarceramento”, nosso estudo caminha para um olhar analítico de que a prisão e, por consequência o jumbo, não apenas desestrutura a família, mas que elas se estruturam em torno da prisão, como ilustra na etnografia de Nina e Aisa (GODOI, 2011, p. 140). Assim, em nossa pesquisa, acreditamos que uma teia de relações, de reestruturações, de circulação e conflitos têm que ocorrer para que o jumbo fique pronto.

Então, partindo da proposta de Lago, de que “perseguir o trajeto e as questões mobilizadas por quem têm a vida atravessada pela instituição sem, no entanto, ser uma pessoa presa — ao menos naquele momento — é um caminho privilegiado de análise.” (2019, p. 6), buscaremos entender as relações que tornam possível a existência do jumbo, o seu processo de montagem e de envio.

Büscher e Veloso, em “Métodos Móveis”, nos coloca a questão de que o uso de métodos de pesquisa móveis nos permite entender melhor as mobilidades em suas diversas dimensões (2018, p. 141). Nosso trabalho se situa dentro do estudo de mobilidades não só por estudar um objeto em movimento, mas sim por querer entender os fluxos, as relações e as “várias manifestações” possíveis *das mobilidades* (no plural) em torno do jumbo, que é cercado por assimetrias de poder e impedimentos de sua circulação.

Sentimos, no entanto, a dificuldade de encontrar estudos específicos sobre o jumbo. A literatura abarca o objeto como mais um exemplo da relação intra e extra muro das prisões, dificilmente como um objeto de estudos em si. Um dos poucos estudos encontrados que tratam do jumbo como unidade de análise chama-se “Oportunidade de Comércio Formal no Segmento Penitenciário: Comércio Especializado em ‘Jumbo’ no estado de São Paulo”, os autores BATISTA, OLIVEIRA, SILVA, SILVA e VEIGA (2016) aplicaram questionário à 50 mulheres para analisar se existe a demanda de mais empresas para fazer o serviço de montagem do jumbo, visto que havia em São Paulo, até a época da pesquisa, apenas uma empresa.

Das 50 mulheres entrevistadas, segundo os autores, 62% responderam que compram os itens do jumbo pelo menos uma vez por semana, mostrando, nessa pequena amostra, a cotidianidade do jumbo na vida das familiares de pessoas em situação de cárcere (2016, p. 9).

Por fim, insistimos que seguir o jumbo, entender suas relações, é um bom caminho de análise e que têm muito a nos revelar. Como o vídeo da Keeh nos dá a dica, há muitas tensões e articulações em movimento até a bolsa transparente, ou a caixa de papelão, ficar pronta.

3. Definição do problema de pesquisa

Enxergamos um campo com pouca ênfase nos estudos sobre o panorama carcerário brasileiro: o jumbo. Na prática, o que nos interessa, em específico, é o jumbo e o que acontece no entorno desse objeto enquanto ele cumpre o seu trajeto envolvido em relações de poder e de cuidado com as pessoas que o enviam: as mulheres familiares de pessoas privadas de liberdade.

Pensamos, especialmente, em como as questões sociais, de raça, classe e de gênero que estão presentes em volta da nossa unidade de análise, o jumbo, se relacionam. Quem são essas mulheres? O que o jumbo significa para elas? Quais são as consequências do jumbo? Quais são os impactos que elas causam ao enviar o Jumbo? E não obstante, porque são elas que mais enviam o jumbo?

Tendo isso em vista, em suma, a nossa pergunta que orienta a pesquisa é: como se dá o “entra e sai” e as relações estabelecidas ao redor do “Jumbo” nas penitenciárias de São Paulo?

4. Hipótese(s)

1. O jumbo — da montagem ao seu *consumo* — implica em um trabalho reprodutivo das mulheres.

Apresentamos o tema de pesquisa pontuando a responsabilização que as mulheres têm sob o jumbo e o seu preparo. O termo “responsabilizada” foi utilizado pela possibilidade de se inferir que a condição de *pessoa responsável pelo jumbo* não é por si só um papel inerente às familiares de pessoas privadas de liberdade, mas sim uma relação imposta enquanto estas, as mulheres, já desempenham o trabalho reprodutivo na sociedade.

Aqui, o marcador de gênero torna-se importante porque além de estarem à frente dos papéis de cuidado na sociedade, as mulheres são a maioria entre os visitantes cadastrados nas penitenciárias, uma vez que só quem possui a carteirinha pode enviar o objeto. À exemplo, a pesquisa realizada por Marísia Silvia: seis entrevistas semiestruturadas com familiares de pessoas privadas de liberdade permitiram constatar que as informantes se sentiam responsabilizadas para visitar os entes no intuito de mostrar um “não-abandono”. Em boa parte dos casos, as visitas foram justificadas pela preocupação com a alimentação de seus familiares e que por meio do jumbo poderiam assim cuidar (SILVIA, 2020, p. 9).

(...) P4 relatou realizar a visita todo domingo, apesar de sair muito cansada. P6, disse: “Tenho que vir porque infelizmente se não vier, fica aí, abandonado, sem nada. [...] É o contato que eu tenho com ele, e outra, porque só tem eu que venho aqui. O pai não vem, vó não pode vir, avô também não pode, ele tem irmã pequena, e ele quer muito ver a irmã dele, mas a irmã dele tem quatro anos e o diretor parece que não libera fazer ficha de menina de quatro anos, porque ela é pequena ainda. [...] E ele sabe disso, que eu nunca falto não... Então isso pra mim, é tipo assim, é uma coisa que eu tô mostrando ao meu filho que eu não estou desistindo dele, sabe?”. Mostrando a distinção de responsabilidades que envolve a socialização feminina e masculina: “Sou separada do pai dele, o pai dele nem procura! Não procura mandar nada pra ele, e isso assim... ele tá vendo tudo ali.” (P6)”. (SILVIA, 2020, p. 9)

Por que um trabalho reprodutivo? O peso, a rotina e as atividades desenvolvidas em torno do objeto indicam que as mulheres precisam realizar uma verdadeira peregrinação para que os jumbos cheguem às unidades prisionais. Nossa hipótese é que essa peregrinação parece ser caracterizada por atividades que, em conjunto, formam um trabalho não remunerado, baseado no cuidado e na responsabilização do *não-abandono*, que ao final do processo — e de mais uma caixa completa que chega ao presídio —

acaba por suprir as necessidades financeiras das pessoas encarceradas. Sendo essencial para a manutenção da vida em nível de saúde, bem estar e na garantia das relações sociais estabelecidas nas unidades prisionais, uma vez que os itens contidos no jumbo podem servir como moeda de troca e mediadores de conflitos.

Quais são as etapas e o trabalho envolvido (de quem?) para que uma caixa com inúmeros itens se torne de fato o jumbo? Qual a quantidade e o tipo de força-tempo que as mulheres precisam demandar para que o jumbo se torne de fato o jumbo? Esses são alguns dos questionamentos que nos guiaram para investigar essa hipótese.

2. O jumbo se apresenta como um dos vasos comunicantes mais importantes, principalmente no momento da pandemia.

Na ausência das visitas presenciais durante a pandemia, o jumbo torna-se um vínculo primordial para a manutenção da saúde das pessoas privadas de liberdade. Segundo os dados divulgados no relatório de monitoramento de casos e óbitos da covid-19³, do Conselho Nacional de Justiça, demonstram que a curva dos casos de óbitos nas unidades seguem aumentando.

A região Sudeste, onde se localizam as unidades Guarulhos I e II, é a mais afetada com 43.2% dos casos e óbitos confirmados entre as pessoas presas. Num momento em que os números de infectados pelo coronavírus nas penitenciárias, bem como os que faleceram em decorrência da doença cresceram, a hipótese é de que os envios de jumbo pelas familiares foram o principal meio de assistência — à saúde física, mental — destas pessoas.

Em suma, a nossa hipótese é que durante a pandemia (e “fora” dela também) o jumbo se apresentou como o principal *vaso comunicante*. Como apresentado por Godoi, os vasos comunicantes — as interações e vínculos entre o dentro e fora da prisão —, são o principal meio de comunicação entre as familiares e pessoas em situação de cárcere. Isso pode ser percebido nos castigos de isolamento, em que a pessoa em situação de cárcere não é privado de se relacionar com outros apenados, mas é interrompido os fluxos com o externo e os vasos comunicantes, como o recebimento de visitas e jumbos (GODOI, 2015, p. 99).

Assim como nos materiais de papelaria — cartas, selos, canetas — que geralmente são adicionados no jumbo, possibilitando a comunicação entre o dentro e fora da prisão. O

³ Disponível em: http://www.sap.sp.gov.br/download_files/covid-19/boletim-covid-04-01-21.pdf

que podemos perceber é que o jumbo, além de ser um vaso comunicante estabelecendo essas relações entre o externo e o interno, cria relações entre as familiares ao redor do jumbo.

O que nos propomos investigar é: como na ausência das visitas presenciais, o jumbo e o trabalho das mulheres familiares, se tornaram ou se afirmaram como vasos comunicantes, fazendo as informações circularem. Nossa hipótese é que também “a certeza do não-abandono”, as “notícias do mundo lá fora”, “o contato com os objetos do mundo lá fora”, são proporcionados e chegam através dos canais manuseados pelas mulheres familiares.

5. Demarcação do campo

Definimos inicialmente como referencial empírico os jumbos que são enviados aos CDP das unidades Guarulhos I e Guarulhos II.

A princípio, é importante definir os CDPs como um estabelecimento penal onde pessoas presas aguardam julgamento e que, a nível nacional, representam 32% da população carcerária segundo dados do DEPEN de 2014. Assim, o processo de incriminação se inicia em Delegacias de Polícia locais (DP), onde na maioria das vezes se determina a prisão preventiva, e perdura a maior parte do tempo em um dos CDPs. Aqui, nossa escolha se justificava pela proximidade com a cidade de São Paulo e pela circulação de pessoas e objetos entre o lado de dentro e o lado de fora das prisões. Além disso, a proximidade desses CDPs com a casa de algumas integrantes do grupo, facilitaria a proximidade com o objeto de pesquisa e as interlocutoras.

Entretanto, dada a estrutura dos CDPs, sua dinâmica de realocação e rotatividade, muitos dos familiares de nossas interlocutoras passaram por CDPs e seguiram para diferentes Penitenciárias da região metropolitana. Sendo assim, não fazia sentido a restrição inicial por interlocutoras com familiares presos apenas em CDPs. Além disso, devido a essa rotatividade, alguns dados essenciais para análise ficaram de difícil compreensão, por exemplo, a quantidade de jumbos recebidos por cada um, pois são dados que a SAP não reunia ou contabilizava.

Entendemos, desde o princípio, que as mulheres tinham papéis centrais nessa dinâmica. Portanto, para estudar a relação jumbo-mulheres-prisões decidimos por cinco interlocutoras que enviam ou já enviaram jumbo para qualquer instituição prisional de São Paulo, cujos parentes estavam ou já passaram nas unidades de Guarulhos I e II.

Os envios podem ter acontecido durante os anos de 2019, 2020 e 2021 sendo este um período de pandemia de Covid-19 ou não. Isso porque diferente do que havíamos definido a princípio, não conseguimos encontrar somente informantes que fizessem referência ao envio do jumbo nos dois períodos concomitantes — anterior a pandemia e durante.

6. Descrição dos métodos: por que entrevista semiestruturada?

Dada a escassez de bibliografia com ênfase no jumbo, usamos como base textos que conversam com nosso tema: o extra-muro das prisões e como há *porosidade* entre o lado de lá e o lado de cá. Além disso, textos que refletem como estudar um objeto a partir de uma perspectiva móvel também foram explorados.

Nossas fontes de dados foram textos, entrevistas semiestruturadas, *sites* de informações e dados públicos, participação em grupo de *Whatsapp* do CDPs de Guarulhos, perfis direcionados ao tema em redes sociais como o *Facebook* e o *Tik Tok*.

Em seu texto, “Dias e noites em Tamara”, a antropóloga Natália Lago escolhe como metodologia acompanhar as mulheres nos dias de visitas, como uma forma de entender a prisão a partir do olhar de quem não está “dentro” dos muros da prisão. Com isso em mente, para também nos aproximarmos dessas mulheres familiares, optamos pela realização de entrevistas a serem realizadas a partir de um questionário semiestruturado — levamos em conta a necessidade de construir o perfil das entrevistadas e a de ouvir suas experiências com o sistema de justiça criminal. Logo, não seria possível usar apenas um roteiro rígido e nem realizar entrevistas somente a partir de grandes temas.

6.1 Entrevistas de profundidade semi-estruturadas

Ao todo foram realizadas cinco entrevistas, nossas interlocutoras são familiares de alguma pessoa em situação de cárcere que enviam ou enviaram jumbos para unidades prisionais de Guarulhos, em diferentes temporalidades. Entramos em contato com as nossas interlocutoras por meio do Grupo de *Whatsapp* dos CDPs de Guarulhos, em que a Aymê fazia parte. As entrevistas ocorreram todas de forma online, por meio do *google meet*, por ligação ou audios de *Whatsapp*, foram gravadas, posteriormente transcritas e analisadas.

O perfil das entrevistadas foi bastante variado: entrevistamos três mães e duas esposas. Entre as mães, duas tinham por volta de 40 anos e a outra 70. Já as duas esposas

estão na faixa dos vinte anos. Duas das nossas interlocutoras se autodeclararam pardas, duas brancas e uma preta. Organizamos as informações mais gerais sobre o perfil das nossas interlocutoras na tabela abaixo:

INFORMANTE ¹	IDADE	PCD	RAÇA	PARENTESCO	Residência	ONDE O FAMILIAR ESTÁ	COM QUEM MORA	Ocupação
1) D. Elena	72	Sim - Artrose	Negra	Mãe	Itaquera, São Paulo	CDP I (GRU) > TREMEMBÉ	Com a filha	Aposentada
2) Carolina	42	Sim - Baixa Visão	Branca	Mãe	Itaquaquecetuba ²	Adriano Marrey (GRU)	Não informado	Desempregada
3) Kristina	23	Não informado	Parda	Esposa	Itaquaquecetuba	Adriano Marrey (GRU)	Sozinha	terceirizada e vendedora autônoma
4) Ana	43	Não informado	branca	mãe	Jabaquara, São Paulo	CDP II (GRU)	Seus dois filhos, a namorada do Ryan e um neto	Porteira
5) Mariana ³	27	Não informado	Parda	Esposa	Itapevi	Adriano Marrey (GRU)	Filha e avó	Desempregada (Fonte de renda: distribui as senhas e organiza fila das visitantes)

¹ Os nomes são fictícios para preservar a identidade das informantes

² Município próximo à Guarulhos

³ Guia de visita

Mariana, foi uma interlocutora especialmente interessante por cumprir a função de Guia de Fila. Rafael Godoi descreve bem o papel das Guias na organização das senhas de entrada nos dias de visitação na sua tese de doutorado⁴. Porém, elas também têm a função de administrar os grupos de WhatsApp, removendo e adicionando participantes, e auxiliar tirando dúvidas e comunicando as regras prisionais, como os itens aceitos no jumbo nos grupos. O pagamento e a escolha de quem ocupa esse cargo é feita pelo PCC - Primeiro Comando da Capital, geralmente tem o marido preso na unidade e ampla experiência com a visitação (LAGO, 2019), Mariana diz que recebe dos “meninos” duzentos reais por semana.

⁴ **Vasos comunicantes, fluxos penitenciários: entre dentro e fora das prisões de São Paulo.** Rafael Godoi. Disponível em: Universidade de São Paulo (USP) <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8777> p. 183

O roteiro ficou focado em quatro eixos temáticos. O primeiro foram perguntas relativas ao perfil, como ocupação, raça e idade. A segunda parte foi dedicada a um lado mais prático sobre a montagem do jumbo. O objetivo era coletar informações como a frequência de envio, quais itens são essenciais e priorizados nos envios, e se alguma dessas caixas foram retornadas, e por qual motivo.

A terceira parte, visava mais o lado subjetivo e pessoal da rotina de montagem. Buscamos compreender a presença do jumbo na vida das mulheres, a relação mulheres-prisão, e saber como as mulheres organizam seu tempo, conciliam com outros trabalhos, quanto tempo dedicam para manter sua “segunda casa”, usando as palavras de Carolina. Por fim, o último eixo das entrevistas centra na relação mulheres-jumbo-mulheres, como as familiares se organizam e acessam informações e regras relevantes sobre o envio, os itens dos jumbos, e conseqüentemente, a relação prisão-mulheres.

Mas, principalmente, um de nossos objetivos, além de investigar esses quatro eixos, era ouvir de fato o que era importante para essas mulheres, não só como se dá a montagem do jumbo, mas a sua construção simbólica, pelo que essas familiares passavam em seu cotidiano. Não nos limitamos a escutar somente informações sobre os jumbos, mas deixávamos as interlocutoras falarem livremente sobre sua trajetória, família, relações com a prisão, polícia e Estado de forma geral. Isso porque visavamos legitimar e valorizar o que as nossas interlocutoras nos diziam, além de estarmos atentas e receptivas a perspectivas e informações novas, que o campo poderia trazer. Então, baseadas nisso, reformulamos hipóteses e priorizamos na análise o que era mais importante para as interlocutoras e conseqüentemente o que era mais recorrente nas entrevistas.

6.2 Dados Públicos

Como método quantitativo, usamos duas fontes de dados. A primeira foi a Infopen de 2019, utilizada no informativo sobre prisões e Covid-19 do AFRO-CEBRAP⁵. A segunda foram dados oferecidos pela Secretaria de Administração Prisional (SAP), por meio do Sistema de Informação ao Cidadão (SIC), referentes aos anos de 2019 a 2021.

Na primeira pudemos traçar principalmente o perfil dos homens em situação de cárcere no município de Guarulhos. Organizamos informações como faixa etária média, escolaridade, raça, estado civil, tempo de pena, além de dados como a quantidade de pessoas

⁵ FERREIRA, Poliana; MACHADO, Maira; VASCONCELOS, Natália et al. População negra e prisão no Brasil: impactos da covid-19. Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19, AFRO-CEBRAP, n. 4, dez. 2020.

que esperam julgamento e a lotação dos presídios em relação à sua capacidade, em Guarulhos.

Na segunda fonte encontramos mais dificuldades, primeiro porque é um processo burocrático, demanda diferentes pedidos, que envolvem prazos de espera e sucessivos recursos após o pedido inicial. Segundo, porque informações relevantes para nossa pesquisa, como a raça das visitantes, quantidade de jumbos enviados por carteirinhas ou então a quantidade de jumbos recebidos por pessoa, em Guarulhos, não são coletadas pela SAP⁶. Assim, os dados foram muito limitados para responder às nossas perguntas importantes.

Por fim, tentamos solicitar aos Correios algumas informações acerca dos jumbos enviados por meio do serviço de Sedex, porém, a resposta recebida foi a seguinte:

Verificamos que o pedido exige a realização de trabalhos adicionais de análise, interpretação ou consolidação de dados e informações, ou serviço de produção ou tratamento de dados. Nesse sentido, aplica-se o disposto no Art. 13 do Decreto Lei 7.724/2012, que desobriga a empresa de fornecer dados que necessitem de tratamento adicional⁷.

6.3 Material complementar

Acompanhamos o que era discutido e produzido pelas familiares de pessoas privadas de liberdade nas redes sociais, estes dados não foram sistematizados, mas ajudaram a nos inserirmos no campo e termos uma compreensão mais ampla do que poderíamos encontrar nas entrevistas. Nos dividimos para acompanhar grupos de Facebook como o “Guerreiras e guerreiros do Brasil”, “Solta o preso seu juiz” e “A espera da liberdade”, assistimos vídeos no Youtube sobre a montagem e rotina em volta do jumbo, como o próprio vídeo da *Keeh*, já citado anteriormente, vídeos do *Tik Tok* pela hashtag *#mulherdepreso* e as conversas dos grupos de *WhatsApp* dos CDP de Guarulhos.

Realizamos a leitura de trabalhos etnográficos feitas pela pesquisadora Nathália Lago, já referenciada diversas vezes, que nos auxiliaram a entender melhor o universo prisional e suas dinâmicas, como as visitas, procedimentos e regras. Mantivemos diários de campo, principalmente quando estávamos observando as redes sociais, e trazíamos as nossas anotações para serem debatidas exaustivamente nas reuniões do grupo. As nossas reuniões foram muito significativas para nós, foi um espaço para reunir ideias, discutir o que seria mais importante ser categorizado, indicações de conteúdos, e acima de tudo um espaço para construir coletivamente nossas dúvidas.

⁶ Está no apêndice o histórico de solicitações e recursos feitos à SAP e as respectivas respostas

⁷ A resposta completa pode ser encontrada no apêndice

Por último, duas integrantes tiveram a oportunidade de acompanhar a Terceira Escola Avançada em Mobilidades: Métodos Móveis (SPMob 2021), que serviu de inspiração para o nosso trabalho. Uma das aulas que nos foram inspiradoras foi a do professor Gabriel Feltran, que apresentou um de seus trabalhos, sobre carros roubados, em que também tinha um *objeto (o carro) como objeto* de estudo e analisava as relações em volta dele, seguindo-o metodologicamente em uma etnografia móvel e multissituada⁸.

7. Principais dificuldades encontradas

Inicialmente, quando já havíamos escolhido estudar o jumbo, a primeira dificuldade que apareceu foi como estudar o objeto, como delimitar o problema e as hipóteses. Acreditamos que parte dessa dificuldade foi de não termos como referências outros estudos sobre o tema, então tivemos que usar diferentes tipos de bibliografia para se complementarem, e todos os trabalhos muito novos, como a teoria acerca dos vasos comunicantes de Godoi, etnografias sobre a prisão de uma perspectiva externa, focada nas familiares de pessoas encarceradas e por fim estudos de mobilidades e objetos.

No segundo semestre, tivemos entradas distintas no campo e não estávamos certas de qual seria o nosso método empírico principal, por mais que tivéssemos traçado métodos demais no semestre anterior. Inicialmente, buscávamos seguir o jumbo, fazer uma etnografia móvel e acompanhar as familiares em sua rotina de montagem. Porém, o desenho de pesquisa não era viável, primeiro porque a pandemia não havia abrandado, assim fomos desaconselhadas a fazer o campo presencial, segundo porque a etnografia exigiria uma relação de confiança e de proximidade com as interlocutoras, terceiro porque o desenho de pesquisa demandaria mais tempo que o disponível de dedicação ao trabalho.

Por fim, quando decidimos por utilizar as entrevistas semiestruturadas de profundidade, tivemos receio de não conseguir as interlocutoras, algumas familiares recusaram participar das entrevistas, mas de forma geral as mulheres do grupo de WhatsApp dos CDPs de Guarulhos se fizeram muito disponíveis e dispostas a nos ajudar.

A análise dos dados obtidos gerou exaustivas discussões, inclusive interpretações diferentes sobre as mesmas entrevistas. As hipóteses precisaram ser revistas diversas vezes, “voltar do campo”, lidar e organizar a realidade complexa dos fatos empíricos, categorizar as

⁸ Carros Globais: Uma pesquisa urbana transnacional sobre a economia informal de veículos (Europa, África e América do Sul), pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Etnografias Urbanas- CEBRAP

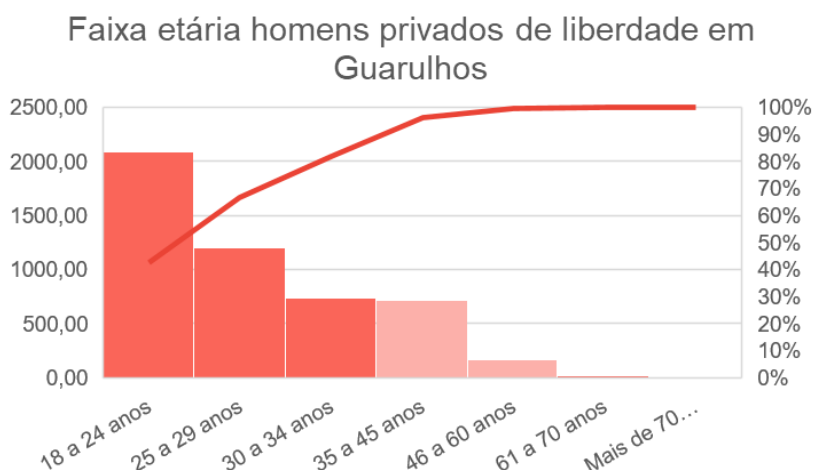
entrevistas foi muito desafiador. Por fim, como já descrito acima, conseguir e analisar os dados públicos foi complexo, mas também nos questionamos diversas vezes sobre sua fidedignidade, ou como usá-los sem termos ciência da forma como foram coletados.

8. Apresentação dados públicos

8.1 Perfil dos homens encarcerados em Guarulhos

Para a análise utilizamos os dados da Infopen 2019, de três dos quatro presídios de Guarulhos, CDPs I e II e a Penitenciária Desembargador Adriano Marrey, para traçar o perfil dos homens privados de liberdade em Guarulhos. Excluimos a Penitenciária José Parada Neto, porque percebemos que o perfil dos homens encarcerados na unidade destoava das outras três, causando distorções nos gráficos. A Penitenciária concentra quase que em sua totalidades pessoas que respondem por estupro de vulnerável (Art. 217-A). Geralmente PPL que respondem por crimes condenáveis pela ética do universo prisional devem ser separados para que não sejam assassinados, como é o caso de crimes contra a dignidade sexual. A porcentagem de homens brancos, mais velhos e que cumprem penas mais longas nesta unidade era maior comparativamente com a penitenciária D. A. Marrey, em que a maioria das PPL respondem por crimes contra o patrimônio, Roubo simples (Art. 157), e por tráfico de drogas (Art. 12 da Lei 6.368/76 e Art. 33 da Lei 11.343/06).

Os homens privados de liberdade em Guarulhos são majoritariamente negros, 2448, 49,8% se declaram como pardos; 755, 15,3%, pretos (juntos são 65,1%) e por último, 1715, 34,9% se autodeclararam brancos. São jovens, 66% dos homens encarcerados têm menos de 29 anos, a faixa etária que mais concentra casos é entre os 18 e 24 anos, sendo 2085 homens, 42% dos homens privados de liberdade.



(Gráfico de confecção do grupo com dados da INFOPEN 2019, englobam CDP I e II e a penitenciária D. Adriano Marrey)

Quanto à escolaridade⁹, 52%, 2538 desses homens possuem somente o Ensino Fundamental Incompleto, 11% somente completaram o E. Fundamental, 25% tem o E. Médio incompleto e 11% completaram o ensino básico. Por último, um dado interessante é o estado civil. Entre os homens encarcerados, 2705, 55% são solteiros; 2003, 41% são os em união estável ou amasiados e por fim, somente 4% dos homens são formalmente casados. Durante as entrevistas, nos grupos de Facebook e na bibliografia, é referido que a prisão exige que tanto para a visitação, envio do jumbo e visita íntima, as namoradas precisam formalizar e comprovar o relacionamento no cartório com a declaração de amasia.

8.2 Das visitantes

O nosso pressuposto de que as mulheres são a maioria entre os visitantes foi reforçado pelos dados fornecidos pela SAP. As visitantes do CDP I e II de Guarulhos são 11479¹⁰ representam 91,8%, somente 1025 são homens. Outras informações como a raça das visitantes, quantidades de jumbo enviados por carteirinha não são controlados pela SAP.

8.3 Dos Jumbos de Guarulhos

Após sucessivos pedidos e recursos esse foi o resultado sobre os jumbos que recebemos:

⁹ Gráfico 2 nos anexos

¹⁰ Gráfico 5 nos anexos

Dados enviados pela SAP sobre os jumbos recebidos por unidade em Guarulhos

unidade	jumbos recebidos 2019	Média de Presos que receberam jumbo 2019**	jumbos recebidos 2020*	Média de Presos que receberam jumbo 2020**
CDP I	15.120	1260	1.344	448
CDP II	14.969	1247,416	2.777	926
P. D. Adriano Marrey	8.360	696,666	2.543	848
P. José Parada Neto	2.682	223,5	0	0

(Tabela de confecção do grupo, com dados fornecidos pela SAP 2021)

*não sabemos dizer se esses dados são referentes somente aos jumbos presenciais ou se contabilizam também os enviados via Sedex

**Esses dados compunham uma tabela enviada pela SAP, com dados de diversas unidades, nos questionamos quanto à fidedignidade da “média de presos que receberam os jumbos”, porque é exatamente resultado de uma divisão por 12 da quantidade de jumbos recebidos.

9. Descrição e análise dos dados qualitativos.

9.1 Montando o jumbo: entre gênero, poder e trabalho

*sinto uma grande vontade de chora
ao ver a minha mãe aqui, vindo me visitar
[Realidade Cruel, 1998]*

Descreveremos aqui, em detalhes, as trajetórias de duas interlocutoras, para exemplificar nossa análise, demonstrando que, apesar das variações encontradas, a relação com o jumbo e suas implicações é semelhante: trata-se de um trabalho reprodutivo movido por um sentimento de cuidado e responsabilidade que altera e sobrecarrega a rotina das mulheres envolvidas, sendo fundamental para o funcionamento e existência do sistema carcerário. Além disso, discutiremos como o poder que a prisão exerce sob os vasos

comunicantes impacta diretamente a vida das mulheres, acarretando que criem seus próprios vasos comunicantes.

9.1.1 “Eu vou contar: pra mim, pra mim é um tormento”

Dona Elena é uma mulher negra, de 72 anos, seu filho está privado de liberdade em Tremembé. Sobre a rotina de montar e enviar o jumbo — que ela mantém desde que o filho foi detido em maio de 2020, em regime semi aberto (que durante a pandemia, na realidade, ficou fechado) — destaca as dificuldades que tem por, além de ser uma mulher idosa, ter artrose, o que lhe confere mobilidade reduzida e a necessidade de fazer o percurso de compras dos itens e envio do jumbo apoiada em muletas, por isso recorre ao serviço de Uber para ir ao supermercado e à agência dos Correios para o envio via Sedex.

Essa condição faz com que Dona Elena fique cansada: a tarefa do jumbo exige que ela use seu tempo fazendo as compras, que leva cerca de três dias, e ainda passe um dia descansando para se recuperar do esforço físico.

Seu filho já esteve no CDP I de Guarulhos, ela relata a dificuldade em obter informações referente aos procedimentos de envio do jumbo e à inscrição para fazer a carteirinha de visitante, que demora cerca de 30 dias para ficar pronta. “Eu consegui, eh, fazer a carteirinha depois que ele saiu duma saidinha, que ele pegou todas informações lá e falou: ‘ó você tem que fazer isso e isso e isso’, porque...têm... ninguém me atendeu lá não”

Além disso, ela denuncia a forma hostil e violenta que as familiares são tratadas pelos funcionários das penitenciárias e CDP’s, como se fossem criminosas. colocar entre aspas. Rever termos

Apesar de ser um trabalho exaustivo, que implica abdicar de atividades que faziam parte de sua rotina — como costurar —, ela relata trazer uma sensação de felicidade e gratidão por ter condições financeiras de enviar o jumbo a cada quinze ou vinte dias, principalmente quando reflete sobre as mulheres que não conseguem enviar.

Manter essa frequência de envio só é possível por conta da aposentadoria do filho e do racionamento que ela administra para economizar na compra dos itens do jumbo, aproveitando promoções e preços em valor de atacado.

cada vez que eu vou no mercado eu compro uma coisa e vou guardando, que não estrague, que nem essa semana mesmo eu achei sabão em pó barato, né? Barato...na oferta, eu separei já um pacote para mandar, entendeu? Tinha essa sabão em barra também, separei, já comprei um pacotão depois eu vou dividir mando um ou dois né e vou guardando pra, pro próximo jumbo, entendeu?

Dona Elena é a nossa única interlocutora que consegue as informações sobre as regras da prisão principalmente pelo site da SAP. Mas também está em um grupo de *WhatsApp*, para pegar as dicas que as outras mulheres dão:

outro dia uma fez, mostrou como é que virava a caixa né (...) mostrou como é que ela embala tudo no saco, tanto é que eu comprei um, esses rolo de saco transparente, (...) eu falei assim: ‘eu vou ficar com’, porque eu comprava saquinho, eu ia na casa de embalagem comprava saquinhos individuais, fica mais caro, aí eu já comprei o rolo

Ela confessa não gostar muito de interagir nos grupos, porque o volume de mensagens é muito alto, mas permanece porque sabe que pode precisar de suporte em algum momento.

9.1.2 A segunda casa de Carolina

Carolina é uma mulher branca, tem 46 anos, é mãe de três filhos e tem baixa visão. No momento, está desempregada. Seu filho, de 21 anos, que ela chama carinhosamente de Nano, está em situação de cárcere na penitenciária Desembargador Adriano Marrey, em Guarulhos. Nano passou pelo CDP II de Guarulhos, antes de ir para o Marrey. Já está privado de liberdade há mais de dois anos.

Carolina sempre levou jumbo, antes da pandemia levava quase toda semana, nas visitas seu filho falava o que estava precisando e ela levava conforme a necessidade do filho. Conta que era mais fácil, pois não precisava gastar quase cem reais de SEDEX, além de poder levar mais coisas, porque não cabe tudo o que ele precisa em 12kg. Com a pandemia, devido à restrição de visitação, e por estar desempregada, ela “vai juntando”, comprando aos poucos os itens do jumbo quando vai com o esposo ao supermercado, até completar o Kit.

Conseguir o dinheiro para enviar o jumbo é motivo de conflito com o marido e a família, pois não estão dispostos a manter relações com o filho. Ela está torcendo para voltar as visitas com entrega do jumbo, como era antes, para não precisar pagar SEDEX. Agora no Marrey as visitas acontecem de quinze em quinze dias, mas ainda não é possível entregar o jumbo presencialmente.

A frequência do envio dos jumbos de Carolina é difícil estabelecer, ela envia quando dá, quando consegue juntar os itens do kit. Não tem uma rotina fixa. Ela compara o compromisso de montagem do jumbo com uma segunda casa, que ela precisa manter sozinha. Envia roupa, toalha de banho, sabonete, pasta de dente, shampoo, condicionador, sabão em pó, detergente de lavar roupa, bucha de lavar louça, desinfetante, água sanitária, na parte de

alimentos: bolacha, doce, chocolate, bala transparente, bolo industrial, pão de forma (não pode ser qualquer tipo de pão), leite em pó, sazon, margarina, goiabada, maionese.

Dois jumbos que enviou na pandemia voltaram. Um por excesso de peso, passou 640 gramas. O outro não teve justificativa. A consequência do retorno do jumbo é mais custos, mais trabalho, e mais tempo em que a pessoa privada de liberdade fica sem acesso aos itens. Uma das integrantes dos grupos de *WhatsApp* do CDP que Carolina participa recebeu o jumbo de volta sem saber o motivo e todo revirado, com as roupas que enviou rasgadas.

No Marrey, ela relata uma constante mudança das regras, “hoje entra sabão em pó, amanhã já não entra o em pó, entra o líquido, às vezes a gente já comprou o em pó, e tem que trocar pelo líquido e é muito prejuízo”. O alerta das mudanças nas regras do jumbo e as informações de como devem ser enviados os documentos para fazer as carteirinhas de visita são feitas através do grupo de *WhatsApp*. Principalmente as guias do grupo mantêm essa atualização e orientam as outras mulheres.

Porque, eu fui lá [na prisão], fiquei duas horas e 40 minutos pra ser atendida e eles no celular, tinha eu e mais duas moças aguardando. Cheguei 11h40 eles falaram que tavam em horário de almoço e só depois das duas horas. Quando foi 2h20 me chamaram, perguntaram qual era a informação queria saber sobre a carteirinha, e eles não falaram nada, me passaram um telefone que ninguém atende, lá ninguém atende telefone, e as meninas [as guias] que orienta né. As guias fala, manda foto, quem mandou desse sedex, foi o pessoal do grupo que mandou pra mim.¹¹ (grifos nossos)

Conseguir informações através da instituição prisional é estar sujeita a uma série de barreiras e distratos. O *WhatsApp* tem um papel central de fazer com que informações corretas, e completas, cheguem até ela. É um canal que faz os fluxos de informações circularem mais livremente¹².

9.2 Apresentação das categorias de análise das entrevistas:

9.2.1 Relação mulher-prisão: a prisão exerce poder controlando os fluxos de informação, de coisas e de corpos

¹¹ A foto enviada por Carolina está no apêndice, parte quatro, seu ítem é o 4.

¹² Pelas informações e dicas que circulam com menos restrições nos grupos, para ingressar neles é preciso comprovar relação com a pessoa privada de liberdade, através das carteirinhas.

A partir de Godoi (2015) sabemos que gerir os fluxos de coisas, pessoas e informações do que entra e sai da prisão é uma das tarefas da instituição. Mas além disso, através das conversas com nossas interlocutoras, notamos como essa gerência (carregada de controle e de poder) *impacta a vida das mulheres*, nas suas rotinas, nas suas rendas.

Nas entrevistas é recorrente o relato da demora para o jumbo ser entregue, das inúmeras vezes que o jumbo volta, de quando ligam para prisão e não conseguem retorno, ou quando vão à penitenciária e não são tratadas com respeito. O poder de decidir passar ou não uma informação, de permitir a entrada ou não do jumbo, da visitação, está com a instituição.

Nas análises trazidas por Godoi (2017), que reforça como a prisão não está desconectada do lado de fora, a questão dos regimes de poder está presente. Como sintetiza abaixo:

Trata-se de uma articulação particular que, ao mesmo tempo, une duas dimensões da existência social e define uma separação fundamental entre elas. Os vasos colocam em comunicação dois ‘mundos’, no entanto não são desprovidos de bloqueios: neles, múltiplas negociações, determinações, poderes e disputas operam a diferenciação do que entra e do que sai, dificultando ou facilitando acessos, registrando (ou não) as passagens e estabelecendo distinções (p. 77.)

Nas falas de nossas interlocutoras as barragens de movimento feitas pela prisão sobressai com muita ênfase. Acreditamos que o foco no controle que a instituição faz dos vasos comunicantes, que apareceram nos nossos dados, vêm da escolha metodológica de termos como interlocutoras mulheres que vivenciam o cotidiano da prisão. Estamos construindo sentido sobre a instituição por meio da experiência de quem está “fora” dos “muros” da prisão, mesmo notando esses muros se estendendo para a casa das mulheres (LINS, 2019).

O poder que a prisão exerce na vida da mulher e da pessoa privada de liberdade está vinculado aos regimes de controle de mobilidade e imobilidade das coisas, corpos e informações. Ter um jumbo barrado é precisar montá-lo de novo; ter o familiar transferido gera a necessidade de fazer a carteirinha de novo e submeter-se aos procedimentos burocráticos, saber qual o raio está, remanejar sua rotina; não conseguir informação na porta da prisão significa precisar encontrar outro modo de acessar essa informação.

Ao mesmo tempo que a prisão precisa dos vasos comunicantes para se manter e permitir sua própria lógica interna (GODOI, 2015), ela têm o poder de definir quando e como

esses canais de troca vão acontecer. Godoi descreve o uso que o jumbo e as visitas têm para punir as pessoas presas dentro da instituição. Dona Elena relatou às vezes que a prisão deixa o jumbo de “molho” para fazer a pessoa presa “pagar raiva”¹³.

O jumbo existe tanto porque as mulheres fazem o trabalho de montagem, envio e buscam comunicar com outras agentes, como também porque a prisão “permite” e precisa da sua entrada. Mas, essa fronteira entre o dentro e o fora da prisão é muito tensionada. Não há apenas o controle da prisão, visto que as mulheres são agentes que forçam aberturas de canais, fazem desvios quando esses canais estão fechados e os canais que estão abertos se mantêm por conta do trabalho e movimentação realizada por elas e pelas pessoas privadas de liberdade. Elas estão em constante movimento para fazer as coisas e as informações circularem de dentro para fora e de fora para dentro, principalmente com os recorrentes fechamentos dos vasos comunicantes.

9.2.1 Relação mulher-jumbo-mulher: mulheres criam canais alternativos de circulação de coisas e informação entre elas e entre o familiar privado de liberdade

Apesar de termos entendido que nossa primeira hipótese de que as mulheres são responsabilizadas pelo preparo, envio e acompanhamento do jumbo é, na verdade, um pressuposto, há em nossa descrição, no pré-projeto, um ponto importante, de que para além da “relação mulheres-jumbo-presos, a necessidade de envio do objeto estabelece também a relação mulheres-jumbo-mulheres”

Em nossas conversas com as interlocutoras, percebemos, quase como reação ao controle que a prisão exerce, as mulheres forçando e criando outros vasos comunicantes entre elas, entre o familiar que está preso, e entre a prisão, quando essa fecha os vasos.

As mulheres são as agentes que buscam fazer a comunicação entre o lado de fora e o lado de dentro, têm o papel central de forçar que essa instituição seja mais porosa e de fazer as “coisas” entrarem. Estão falando com advogadas, pegando informações com o familiar que está preso, procurando sobre as regras dos jumbos nos grupos de WhatsApp, no Facebook, com as guias, trocando informações entre si.

Os grupos de WhatsApp têm papel central para as mulheres se organizarem para a visitação, para saber informações sobre o que entra no jumbo, sobre como virar a “caixa”. É

¹³ Pagar raiva: o jumbo está lá, já foi revistado, mas não foi entregue a pessoa, nas palavras de Dona Elena, um jeito de fazer “pirraça” com os homens em situação de cárcere.

uma rede em que há atualização constante das regras prisionais, no qual elas conseguem fazer circular as informações que a prisão barra, ou dificulta o acesso.

Kristina, Carolina, Mariana, Ana, só conseguiram enviar jumbo após entrarem nos grupos de WhatsApp e falarem com outras mulheres. Na realidade antes da pandemia do novo coronavírus essas trocas também aconteciam nos dias de visitas (LAGO, 2017, p. 35), mas no contexto pandêmico, a maior restrição de visitação e a ausência das filas de mulheres nas portas dos presídios, a rede do WhatsApp se fortalece mais ainda, permitindo o fluxo alternativo de informação.

Além disso, outro canal, quando uma mulher leva “gancho” — não pode enviar jumbo e fazer visitação pelo tempo definido pela prisão —, algumas tentam enviar no jumbo de outra mulher. É o caso da Mariana, uma de nossas interlocutoras, ela é guia.

Uma vez me deram um gancho, uma punição de um mês, porque eu uma vez saí com uma carta que ele [*o esposo que está privado de liberdade*] fez pra nosso filho, que não podia ir na visita comigo. Eu não podia levar uma carta feita por ele e acabei ficando um mês sem poder visitá-lo e sem mandar jumbo. Nessa época eu acabava mandando itens pra ele no jumbo de outra pessoa, eu combinava com a esposa de outro rapaz do mesmo CDP.

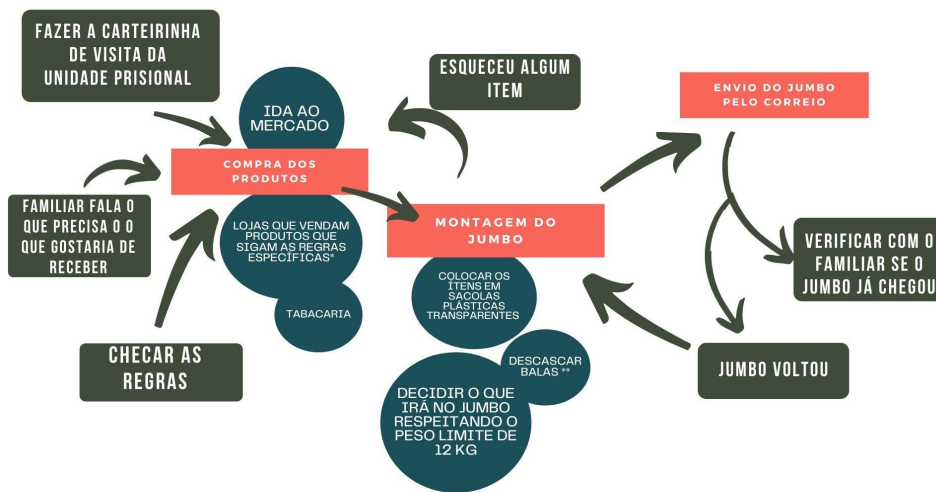
Ou como no caso de Dona Elena, quando o seu filho foi transferido do CDP e ela ficou um tempo sem conseguir fazer a carteirinha. Então, ele a instruiu a entrar em contato com a mãe do seu companheiro de penitenciária. Dona Elena entrou em contato com a mulher pelo WhatsApp e conseguiu enviar suas coisas juntas no jumbo dela.

Mas essas trocas também são rodeadas de tensões, Dona Elena disse que essa mãe ficou preocupada do que ela poderia colocar no jumbo, com medo de colocar drogas, ou algo que poderia resultar em um gancho¹⁴

Em síntese, esses canais alternativos, que desviam os bloqueios da prisão (quando ela fecha a fronteira), são estratégia das mulheres para conseguirem realocar, abrir os vasos comunicantes, pôr para circular as informações e objetos. Dessa forma, elas rearranjam os fluxos devido a agência e a capacidade de movimento (tanto físico, se deslocando, quanto de ações para resolver as demandas que a prisão presentifica) que a relação com a pessoa privada de liberdade e com outras mulheres trazem a elas.

¹⁴ As tensões que atravessa as relações entre as mulheres, devido a presença da prisão, são discutidas nas etnografias de Lago, “Dias e Noites em Tamara”(2019) e Mulher de Preso Nunca Está Sozinha” (2015)

9.2.3 O trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres



(Fluxograma com as atividades realizadas pelas mulheres. Elaboração do grupo)

Temos como hipótese que: da montagem ao envio do jumbo, envolve-se um trabalho reprodutivo desempenhado pelas mulheres familiares e essencial à população privada de liberdade.

Historicamente, as mulheres são responsabilizadas pelas questões relativas ao âmbito do cuidado doméstico. Quando se trata da relação dos familiares com as pessoas em privação de liberdade, são as mulheres que assumem as tarefas envolvidas no preparo e envio do jumbo. Assim como Lago identifica que “visitar alguém requer planejamento, preparação e dinheiro” (2019, p.14), enviar o jumbo também.

No texto “Na Casa e Na Cadeia” Lins argumenta que as atividades domésticas realizada pelas mulheres são agora transferidas para o âmbito da prisão:

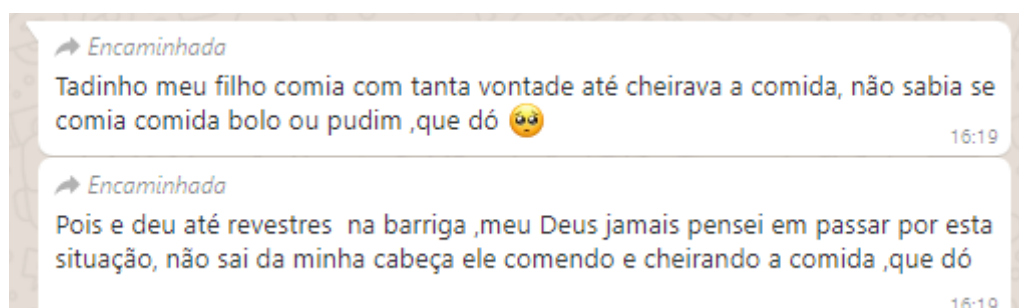
Realizar a visita e entregar o jumbo demandam uma carga de atividades prévias e posteriores que, embora tenham o espaço da casa como protagonista, perpassam uma série de outros deslocamentos na cidade para sua concretização (...) todo esse cenário, longe de esgotar as atividades desempenhadas pelas familiares, é percebido como uma continuidade das tarefas de cuidado que fora do cárcere já eram realizadas majoritariamente pelas mulheres, e que agora são moduladas a partir das fronteiras do sistema penal. (LINS, 2019, p. 14)

Essa responsabilização implica na alteração da rotina das mulheres e nas questões afetivas em relação ao parente que está privado de liberdade. A montagem do jumbo de acordo com as regras prisionais exige uma dinamização da rotina das mulheres responsabilizadas para que não ocorra de o jumbo ser barrado, caso alguma norma não seja

cumprida. Por isso, conseguir informação, seja na prisão, seja com outras mulheres é tão importante.

Nossas interlocutoras demonstraram como a confecção do jumbo é um *trabalho cheio de etapas* — por exemplo, se um determinado item não é encontrado no estabelecimento que ela optou, ela precisa se deslocar a algum outro. Essas exigências têm consequências na rotina das mulheres, que é readequada em função do jumbo e interfere em outros aspectos da vida, como no psicológico ou nas outras atividades que realizam ou realizavam (o trabalho remunerado, costurar, etc).

Além disso, o fato da comida, do outro estar ou não se alimentando, ser uma preocupação presente desde cedo na vida das mulheres, vinculado à ideia de afeto e carinho, o jumbo cumpre essa função, como disse Kristina, de levar “comida da gente” para o familiar.



(Mensagens que Carolina nos encaminhou do grupo de WhastApp que participa)

Apesar de todas as idas e vindas, prevalece entre as mulheres um sentimento relacionado ao *não-abandono* do familiar que está em privação de liberdade (SILVIA, 2020, p. 9). Nas entrevistas, Mariana relata o caso de homens que não recebiam nem visitas e nem jumbos, — infelizmente não sabemos qual a proporção de pessoas que não recebem, pois não recebemos esses dados da SAP —. Ela conta sobre o seu cunhado que foi “abandonado pela mulher” e que agora está “sozinho” na prisão.

O termo “abandonado” é mobilizado pelas nossas interlocutoras quando não há mulher que esteja cuidando do homem privado de liberdade do lado de fora, ou reforçando que não pode “abandonar” o familiar, que é necessário o trabalho de cuidado que realizam. Nesse sentido, identificamos que a nossa hipótese prévia se confirmou.

9.2.4 Consequências do jumbo

A experiência de enviar jumbo faz com que as mulheres se revoltam contra o Estado.

Ao longo das entrevistas, identificamos o reconhecimento que as mulheres têm do trabalho que desempenham e de que esse trabalho supre uma responsabilidade que deveria

ser do Estado. Além disso, a revolta se manifesta principalmente na forma violenta que elas e os familiares privados são tratadas pela instituição.

Nossas interlocutoras argumentam que, sem o envio dos jumbos, seus familiares ficam desamparados — inclusive Lago descreve o caso em que o PCC contrata a Flora para cozinhar e enviar comida para os “peregrinos”, homens que não recebem jumbo há mais de seis meses (2019, p. 12).

Poder enviar jumbo também modifica a experiência das mulheres com a prisão. Há três perfis: as que enviam regularmente; as que não conseguem manter frequência de envio (como o caso de Carolina); e as que “abandonam” (termo usado pelas interlocutoras). Quando não conseguem enviar, há uma imensa preocupação com o familiar preso, em como está conseguindo “se virar” lá dentro. As que enviam se sentem satisfeitas e felizes de conseguir enviar, apesar do trabalho do cansaço que relatam.

Outro reflexo do jumbo é que os itens enviados possuem valor de troca entre os homens em situação de cárcere, como no exemplo da Kristina, em que o cigarro é o item mais importante do seu jumbo, pois podem ser trocados por favores — como arrumar e lavar a cama, por exemplo — ou por outros itens. Dessa forma, o envio do jumbo mantém a lógica interna das relações existentes entre os homens privados de liberdade.

lá o cigarro vale dinheiro né? Lá vale muita coisa, até uma bituca de cigarro, eh gera uma briga, gera desentendimento gera muita coisa, chega até gerar uma coisa bem mais grave... porque lá eles conseguem comprar outras coisas com maço, tipo se faltar um sabonete eles conseguem comprar com com os companheiro deles, eles troca faz troca essas coisa então lá digamos que vale uma nota. Pra gente é que fora não vale nada vale muito.

Retomando a nossa hipótese de que “o jumbo se apresenta como um dos vasos comunicantes mais importantes, principalmente no momento da pandemia”, supomos que a preocupação com itens de proteção individual estaria no jumbo, mas esses são fornecidos pela própria instituição, e não foi citado em nenhuma das entrevistas.

Por outro lado, percebemos que a pandemia impacta de outras formas a vida das mulheres e na montagem do jumbo, como por exemplo, nas mudanças das regras de visitação ou a restrição de envio por Sedex. No caso de Carolina o custo do Sedex é um grande problema, para dona Elena o custo compensa por ela não precisar passar pela revista. Contudo, o jumbo é realmente um vaso comunicante fundamental (antes e depois da

pandemia), tanto pelo esforço mobilizado pela instituição para gerir esse fluxo, quanto pelo impacto que se têm dentro e fora da instituição.

9.3 CONCLUSÃO

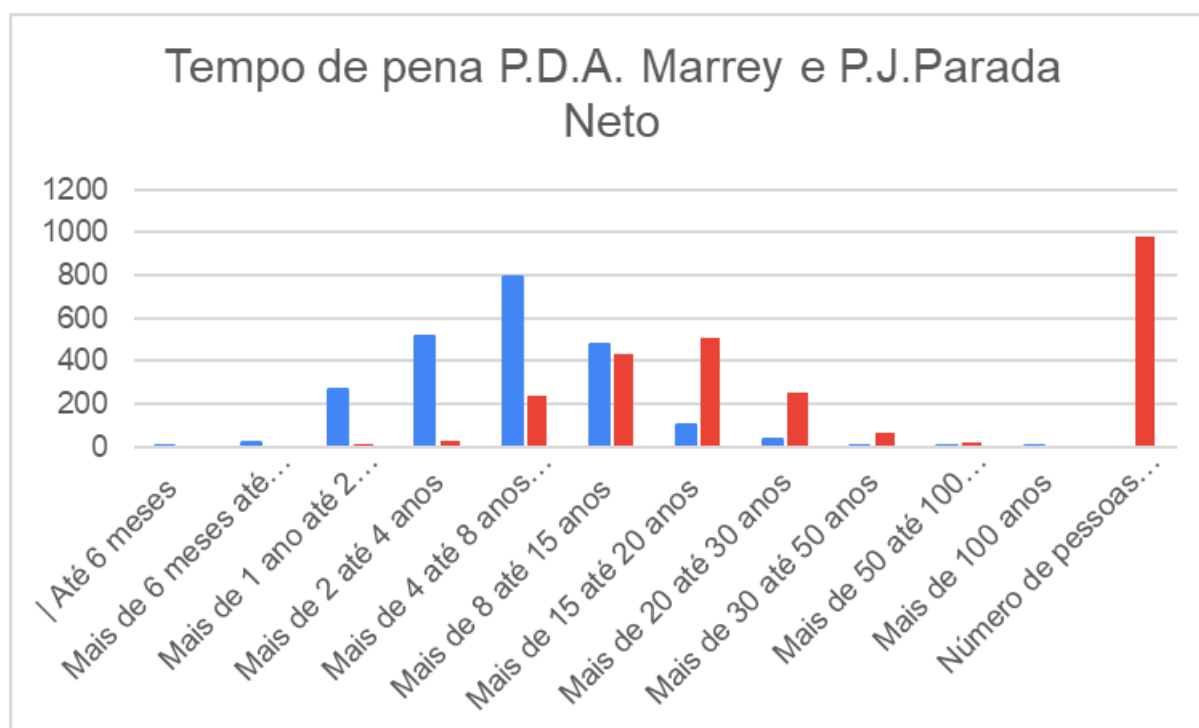
Ao longo do trabalho buscamos demonstrar as relações e tensões envolvidas no processo de montagem e envio do jumbo. Considerando que a presença da prisão modifica a rotina e tem impactos sobre a renda, a relação da mulher com a família, com a pessoa privada de liberdade e com as outras mulheres familiares de pessoas privadas de liberdade.

A partir das análises das entrevistas identificamos que: i) o poder que a prisão exerce está vinculado ao controle da mobilidade e imobilidade das coisas, informações e corpos (tanto das mulheres, quanto da pessoa privada de liberdade); ii) as mulheres criam outros canais para que o fluxo de informações e coisas corram mais livremente entre elas, sem o controle da prisão; iii) montar e enviar o jumbo é um trabalho reprodutivo feito pelas mulheres que mostra como a presença da prisão atravessa os muros institucionais e entra dentro da casa dessas mulheres; iv) ter ou não ter o jumbo modifica profundamente a experiência de quem está em situação de cárcere.

APÊNDICE

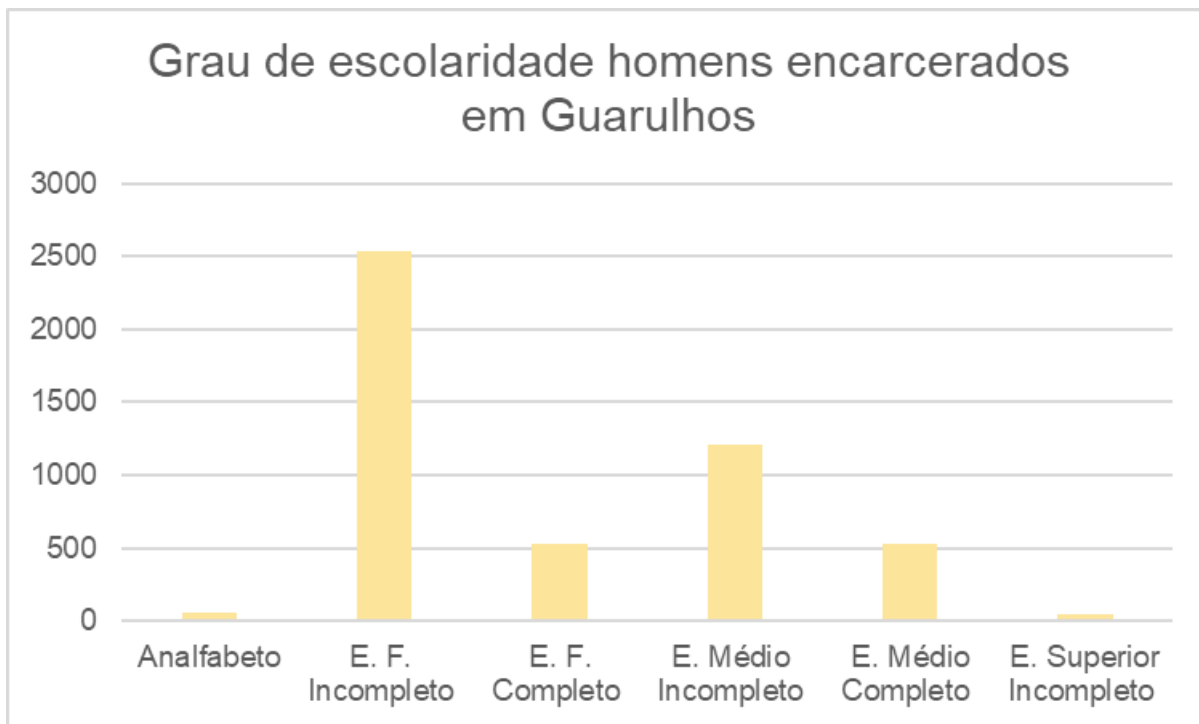
1. Gráficos

Gráfico 1



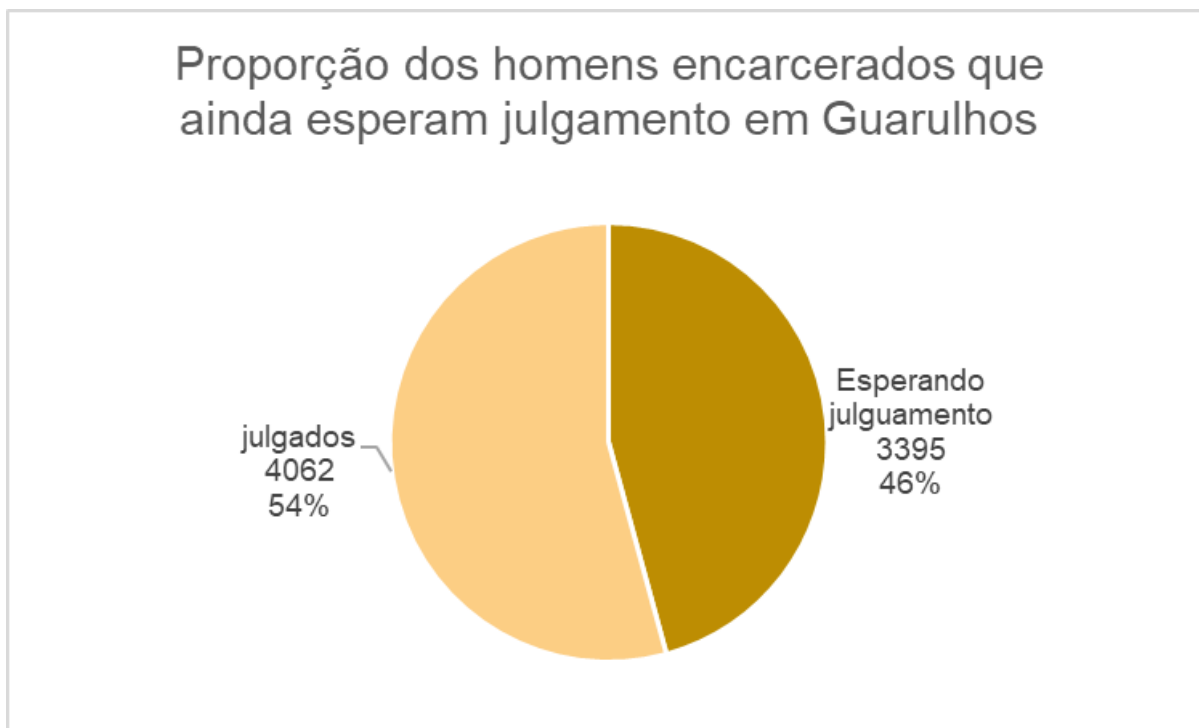
(Gráfico de confecção do grupo com dados do INFOPEN 2019, em azul os dados referentes à Penitenciária D. Adriano Marrey, em vermelho, à Penitenciária José Parada Neto).

Gráfico 2



(Gráfico de confecção do grupo com dados do INFOPEN 2019, englobam CDP I e II e a penitenciária D. Adriano Marrey).

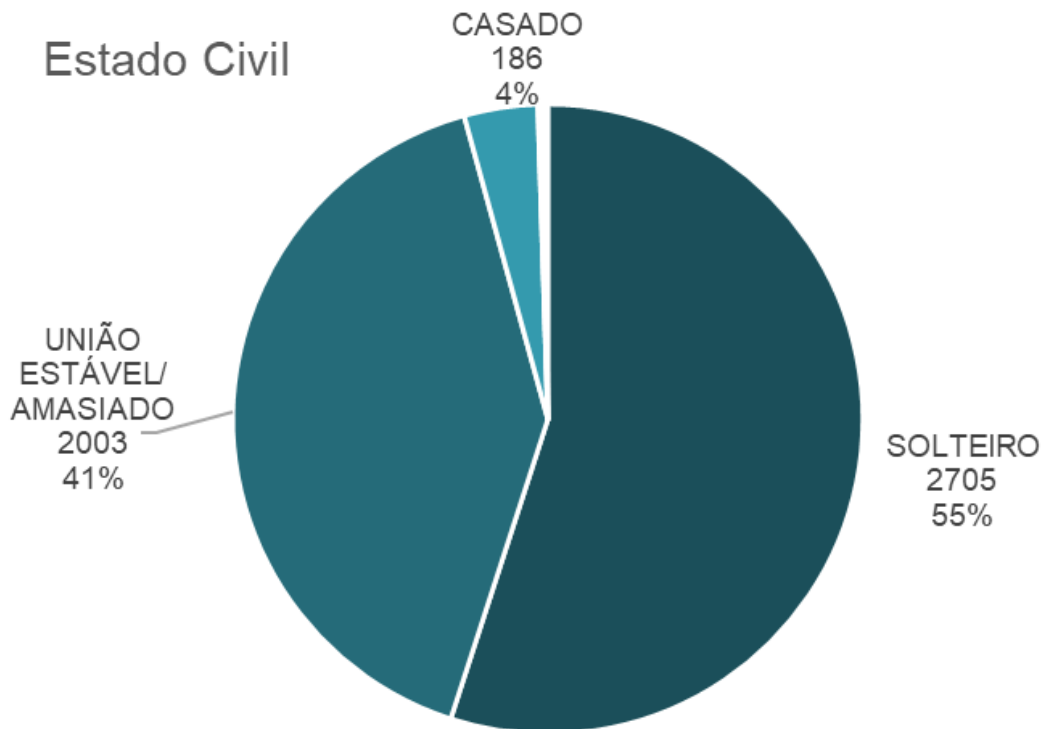
Gráfico 3



(Gráfico de confecção do grupo com dados do INFOPEN 2019, englobam CDP I e II , a

penitenciária D. Adriano Marrey e J. Parada Neto).

Gráfico 4



(Gráfico de confecção do grupo com dados do INFOPEN 2019, englobam CDP I e II e a penitenciária D. Adriano Marrey).

2. Pedidos, recursos e respostas - SAP

2.1 PEDIDO: Qual o número de jumbos enviados por carteirinha cadastrada nos Centros de Detenção Provisória I e II de Guarulhos durante os anos de 2019, 2020 e 2021 (separadamente)

RESPOSTA: Nos enviaram a seguinte planilha:

2.2 PEDIDO: Quantidade de jumbos recebidos por presos nas unidades prisionais de SP durante 2019, 2020, 2021. Ou seja quantos presos receberam jumbos, e quantos jumbos receberam durante o período de 2019-2021.

RESPOSTA: “Nas unidades da Coordenadoria de Saúde do Sistema Penitenciário do Estado

de São Paulo foram recebidos: em 2018 - 2.582 Jumbos - 839 presos, em 2019 -2.706 Jumbos - 1.037 presos em 2020 - 2.932 Jumbos -1.030 presos

Informação das unidades da Coordenadoria de Unidades Prisionais da Região Noroeste do Estado: durante 2019: 79.679 presos, durante 2020: 38.620 presos, durante 2021: 21.097 presos

durante o período de 2019: Foram recebidos: 306.052 jumbos

durante o período de 2020: Foram recebidos: 147.817 jumbos

durante o período de 2021: Foram recebidos: 82.719 jumbos

*foram anexadas planilhas com a relação de jumbos recebidos por unidade prisional

RECURSO: Na solicitação pedi "Quantidade de jumbos recebidos por presos nas unidades prisionais de SP durante 2019, 2020, 2021. Ou seja quantos presos receberam jumbos, e quantos jumbos receberam durante o período de 2019-2021.". Nos dados enviados das unidades da Coordenadoria de Unidades Prisionais da Região Noroeste do Estado, e os que abrangem os CDPs de Guarulhos não veio a relação de quantos presos receberam JUMBOS nos anos 2019-2020-2021.

2.3 PEDIDO: Quantidade de jumbos recebidos por presos nos CDPS I e II de GUARULHOS durante 2019, 2020, 2021. Ou seja quantos presos receberam jumbos, e quantos jumbos receberam durante o período de 2019-2021.

(A relação que quero é, por exemplo, 850 pessoas presas no CDP I de Guarulhos receberam Y jumbos em 2019/20/21)

RESPOSTA: “Prezada Cidadã, abaixo manifestação do Coordenador da região Metropolitana de São Paulo, quanto ao solicitado.

Os CDP's I e II de Guarulhos, tiveram uma média aproximada de 1.500 presos no ano de 2019, 1.400 presos no ano de 2020 e 1.260 presos no ano de 2021, além da rotatividade.

Para consultar a quantidade de presos que receberam jumbo, terá que fazer uma consulta detalhada preso a preso, ficando praticamente inviável uma consulta desse porte.

Caso tenha um preso específico, ou uma consulta específica, solicitaremos a Unidade em questão.

Ressalto que o Estabelecimento Penal tem apenas os números gerais, informados anteriormente”.

RECURSO: “Olá. Sobre o motivo de não conseguir o dado me informaram: "Para consultar a quantidade de presos que receberam jumbo, terá que fazer uma consulta detalhada preso a

preso, ficando praticamente inviável uma consulta desse porte.". Mas a Coordenadoria de Unidade Prisionais da Região Oeste (na qual também solicitei esses dados) conseguiu mandar as informações de "Quantidade de presos que receberam Jumbo" e de "Quantidade de Jumbo recebido" (protocolo do pedido 796702122447, data 11/11/2021), de cada uma das unidades prisionais da zona Oeste. O motivo do recurso é saber se a Coordenadoria da Região Metropolitana não consegue me enviar esse dado sem estar desagregado, como foi feito pela Coordenadoria da Zono Oeste, enviando apenas os valores totais. Um exemplo do que me enviaram da Penitenciária de Andradina: em 2019 - presos que recebem jumbo 834, quantidade de jumbos totais que esses presos receberam em 2019: 8987”

2.4 PEDIDO: “Perfil racial e de Gênero dos visitantes das unidades prisionais do Estado de São Paulo”

RESPOSTA: Não possuímos os dados acerca de perfil racial dos visitantes de presos”.

PEDIDO: “A relação de cada jumbo enviada por cada carteirinha nos anos 2019-2021, separadamente. Exemplo, a carteirinha X1 enviou 10 jumbos em 2019, a carteirinha X12 enviou Y jumbos. Favor os dados estarem desagregados e, como mandando por lei, anonimizados”.

RESPOSTA: “EMBORA SEJA UMA INFORMAÇÃO PÚBLICA, NÃO HÁ TAL REGISTRO, TENDO EM VISTA O GRANDE NÚMERO DE PRESOS E VISITAS.”

3. Pedido feito aos Correios

PEDIDO: Solicitamos aos Correios alguns dados acerca dos jumbos enviados por Sedex e essa foi a resposta recebida:

“Prezado(a) Senhor(a),

Em resposta a sua solicitação de informação, primeiramente cumpre-nos esclarecer que o Serviço de Informação ao Cidadão - SIC atende aos pedidos de acesso à informação nos termos da Lei nº 12.527/2011 e do Decreto nº 7.724/2012. O SIC não trata de reclamação, solicitação de providências, identificação de recebedor de objeto postal, denúncia, sugestão, elogio ou priorização de demandas desta natureza e não substitui os canais próprios dos Correios para registrar tais manifação com as respostas prestadas pela Central de

Atendimento, a intervenção da Ouvidoria é um direito de clientes e demais cidadãos para situações excepcionais e reclamações não solucionadas. Para solicitar a intervenção da Ouvidoria, deve-se acessar <https://www.correios.com.br/falecomoscorreios/ouvidoria>. Em vista do Pedido de Acesso à Informação recebido por meio do Serviço de Informação ao Cidadão (SIC), no presente caso, verificamos que o pedido exige a realização de trabalhos adicionais de análise, interpretação ou consolidação de dados e informações, ou serviço de produção ou tratamento de dados. Nesse sentido, aplica-se o disposto no Art. 13 do Decreto Lei 7.724/2012, que desobriga a empresa de fornecer dados que necessitem de tratamento adicional”.

4. Roteiro entrevista de profundidade

“Roteiro semiestruturado JUMBO, Grupo 5N - Roteiro detalhado para as entrevistadoras”

Objetivos gerais do roteiro: Compreender as dinâmicas de preparo e envio dos jumbos e suas conseqüentes implicações na rotina das mulheres responsabilizadas por essa tarefa. O trabalho material realizado por elas. Também, capturar quais as redes de conexões, as circulações (de informações, coisas e pessoas) que têm que ocorrer para o jumbo ser montado, levado ao CDP e aprovado para entrar na prisão.

Objetivos específicos do roteiro

- compreender o perfil e a condição socioeconômica da interlocutora;
- ter informações sobre *com quem, como, e por qual meio* formam-se as redes de apoio (mulheres da família? amigas? grupos do *WhastApp?*) para enviar os jumbos — como circulam as informações, as pessoas e os objetos —;
- saber quais reorganizações ocorreram na vida dessas mulheres dada a presença da prisão e o trabalho que já desempenhavam;
- saber dos trajetos, do dinheiro, do tempo (não no sentido de mensurar horas, mas de compreender como essa responsabilidade afeta o cotidiano das mulheres entrevistadas), da frequência de envio e de *como o jumbo se torna presente na vida da interlocutora* (semanalmente ela faz algo relativo ao jumbo? como se organiza?);

- compreender as **formas práticas** que manejam sua rotina para montar o jumbo (formas práticas no sentido de quais ações, ex: sair mais cedo do serviço, perder um dia de serviço para entregar o jumbo).

PARTE I - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

- A entrevistadora se apresentar brevemente;
- Pedir para gravar (se for presencial áudio e online vídeo-áudio);
 - ◆ Informar que não será reproduzido nem compartilhado o nome, que a gravação é para o grupo;
- Agradecer a participação;
- Explicar o contexto da pesquisa:
 - ◆ Trabalho de métodos;
 - ◆ porque o interesse no tema: integrantes do grupo que já tiveram contato com o jumbo e conhecidos no sistema prisional;
 - ◆ pouca documentação/registo sobre o trabalho das mulheres na montagem desses jumbos;
 - ◆ julgamos importante ouvi-las e conhecer a história da interlocutora;
- Explicar as partes que está dividida a entrevista para situar os assuntos abordados:
 - ◆ A primeira parte são perguntas mais objetivas, como sobre a idade, se têm irmãos, e por fim as perguntas são sobre o Jumbo.
- Lembrar no momento adequado, *se necessário*, que ela não precisa responder todas as perguntas, só as que se sentir confortável.

Perguntar se tem alguma dúvida, antes de começar!

PARTE II - DADOS SOBRE O PERFIL

- Compreender o perfil da entrevistada para poder articular o microssocial (a trajetória da interlocutora) com o macrossocial (dentro de um contexto sócio político maior).

1. Pergunta geradora: Conte um pouquinho de você. Onde você mora, o que você faz, com que trabalha, da sua família...

1.1. Idade; 23 anos

- 1.2. Se têm filhos;
 - (se tiver, quantos, e idade)
- 1.3. Qual o estado civil?
- 1.4. Autodeclaração racial
- 1.5. Com quem mora?
- 1.6. Localização da moradia
- 1.7. Trabalho da interlocutora atualmente.
 - [buscar detalhamento]
- 1.8. Qual seu parentesco com a pessoa privada de liberdade?
- 1.9. Qual CDP ele está?

PARTE III - INFORMAÇÕES SOBRE O QUE COLOCA NO JUMBO

1. Você pode nos falar mais como funciona o jumbo, o que é o jumbo? O que você coloca nele?

- 1.10. O que em geral você coloca no Jumbo? O que não pode faltar
 - (saber se coloca cartas, desenhos, mensagens carinhosas, o afeto no jumbo, **máscara e materiais de proteção pandemia**)

PARTE IV - SOBRE O ENVIO

1. Pergunta geradora: Você pode nos contar sobre suas experiências com o envio do jumbo? De quanto em quanto tempo você manda, se algum já voltou?

- 1.11. Quando você começou a enviar os jumbos?
 - (temporalidade, se tem muito tempo que envia jumbo, se têm pouco, **capturar o que ela foi aprendendo com os envios do jumbo**, as estratégias que foram sendo criadas a cada envio. ex: um supermercado mais barato, contratar a empresa que faz os jumbos? etc)
- 1.12. Com qual frequência você envia jumbo?
- 1.13. É você mesma que entregava os jumbos ou você montava e outra pessoa que tinha a carteirinha entregava? (ex. a avó tinha a carteirinha, a nora montava)

- 1.14. [SE TIVER ENVIADO ANTES] Durante a pandemia, o que mudou na sua forma de montar e enviar jumbo?
- (Capturar as diferenças entre o antes e o depois da pandemia)
- 1.15. Algum jumbo já voltou? Teve algum problema?
- [a (i)mobilidade do jumbo]
- 1.16. Você já ficou algum tempo sem enviar jumbo?
- (Ele (a pessoa privada de liberdade) conseguiu alguma ajuda de alguém de dentro ou você de alguém de fora?)

PARTE V- A ROTINA

→ Entender como a prisão, em forma de jumbo, se faz presente na vida das mulheres e como as mulheres modificam e reorganizam a vida em decorrência da presença da prisão. Saber quais mudanças ocorreram com a pandemia. Tentar catalogar os pontos geográficos, para, caso for viável, poder construir um trajeto.

1. Você pode falar um pouco sobre a sua rotina para montar o jumbo?

- 1.17. Pra você, o que significa enviar o jumbo?
- 1.18. Quais **deslocamentos** você faz pela cidade por conta do jumbo?
- 1.18.1. Quanto tempo de deslocamento da sua casa ao CDP?
- (como se desloca, quanto se desloca, vai longe/outro bairro para comprar as coisas do jumbo? Como chega lá? Ônibus? Carro próprio? Quais pontos que para, ex: correio, supermercado, banco, CDP)
- 1.19. Como você **organiza** sua semana/mês para conseguir montar o jumbo?
- (qual dia faz cada coisa - ex, o dia que vai comprar, o dia que monta, o dia que envia, **captar como as ações para montar o jumbo é diluída na semana**, ex: com quem deixa o filho para ir comprar as coisas, perde um dia de serviço? saber o planejamento que faz, segunda ir na feira, terça montar o jumbo)
- 1.20. Quanto **tempo**, mais ou menos, você acha que gasta com o jumbo na semana?
- (Contando desde a compra, à montagem, à entrega)

- 1.21. Quanto **dinheiro**? Contando deslocamento, sedex, compra das coisas do jumbo?
 - 1.21.1. {SE TIVER ENVIADO ANTES] Você passou a gastar mais com jumbo após a pandemia (se a pessoa enviou jumbos antes da pandemia)?
2. Como foi conseguir **conciliar** a rotina que tinha antes com as novas demandas e atividades que a prisão te trouxe?
3. O que acontece se você não conseguir enviar um jumbo?
 - 3.1. No texto “Na casa e na cadeia” a mulher fala que a pessoa presa disse que se não for para levar jumbo nem precisava ir. Captar se sentem essa obrigatoriedade

PARTE IV - REGRAS, ACESSO À INFORMAÇÃO E REDES SOCIAIS

→ Saber quanto tempo ela envia jumbos, quais estratégias foi criando e onde consegue as informações, bem como as dificuldades para ter acesso a essas informações

1. Conte um pouco pra gente sobre como você conseguiu as informações sobre o jumbo? Sobre as regras de envio no CDP? Quando você tem alguma dúvida sobre regras como você faz?

- 3.2. Como conseguiu as **informações** do que entra ou não entra no jumbo?
 - se é fácil conseguir informações no CDP, na SAP
- 3.3. Enfrentou alguma dificuldade para ter acesso a essas informações?
 - (ver onde ela procurava essas informações, qual canal que permitia circular as informações. WhatsApp? Youtube? Boca a boca? Perguntar como funcionava, exemplo, como funcionava o grupo do wpp, qualquer pessoa podia entrar? lá você podia tirar dúvidas das regras? acontecia frequentemente? O que era circulava no grupo? Se for no boca a boca, qual conhecida você procurava, era parente? Morava perto?)

PARTE VII - MULHERES-JUMBO-MULHERES

→ Entender mais especificamente quais os vínculos que se fazem com a presença da prisão. E as redes em que a nossa informante está inserida.

1. Você costuma pedir informações sobre os jumbos, conversar com outras mulheres que também enviam jumbos, ou que visitam seus familiares

1. Há pessoas que te ajudam na montagem do jumbo?
 - a. (Ver se se formam redes de ajuda entre as mulheres para a montagem, quem são essas mulheres, parentes? amigas? como ajudam na prática?)
2. Você fez alguma amizade por causa da prisão?
 - a. (Saber em qual contexto, nas visitas do seu familiar, nos grupos de WhatsApp?)
3. Essas amizades já te ajudaram com os jumbos?
4. Você já ajudou alguém incluindo itens para outra pessoa no jumbo do seu familiar?

PARTE VIII - FINALIZAR E CONVIDAR

1. Tem alguma coisa que eu não perguntei que você queira falar?

→ Convidar se podemos acompanhar ela enquanto faz o jumbo, caso positivo, entrar em contato por WhatsApp

→ Agradecer a participação e fechar a gravação

5. Esquema da categorização:

Fluxograma com as categorias de análises das entrevistas. Elaboração própria.

Categorização: mulheres-jumbo-prisão



A instituição prisional precisa dos vasos comunicantes para se constituir (para ser a prisão), tanto precisa que ela regula nos mínimos detalhes os vasos comunicantes entre o dentro e o fora da prisão

As mulheres são as agentes que buscam constantemente fazer a comunicação entre o lado de fora e o lado de dentro da prisão, elas têm o papel central de fazer as "coisas" entrarem.

6. Lista do que pode entrar no jumbo do Adriano Marrey:

Fotos que Carolina nos enviou, encaminhada a partir do grupo de WhatsApp que participa

PENITENCIÁRIA II - ADRIANO MARREY DE GUARULHOS
 Via Presidente Dutra, Km 13 sem número - Parque Cecap. CEP 07034-000 - Guarulhos - SP - PABX 11-2461-1959

MATRÍCULA: _____ RAI0: _____ CELA: _____

JUMBO / SEDEX	
500ml	AMACIANTE Embal. Transparente
1	ANTISÉPTICO Bucal Sem Alcool
150g	BALA industrializada Transparente
400g	BISNAGUINHA
400g	BOLACHA DOCE Sem Recheio
400g	BOLACHA Salgada Sem Recheio
1	BOLO Pulman sem recheio
1	Caderno sem espiral Somente Jumbo
1	CANETA PRETA ou AZUL
180g	Chocolate em Barra sem Recheio
20	CIGARROS - 20 Maços
1	CORTADOR de UNHA Pequeno
1	CORTINA BOX Cor Clara Branca
1	COTONETE Transparente Caixa Pequena
1	CREME de Barbear Pequeno
3	CREME Dental até 90 gramas
1	Descartável - Copo, Prato, Colher
500ml	DESINFETANTE meio litro
1	DESODORANTE Bastão ou roll-on
500ml	DETERGENTE neutro
200g	DOCE DE LEITE Pote Pastoso
10	Envelope Correspondência Pequeno
1	ESCOVA DENTAL pequena
1	ESPELHO Pequeno Número 12
1	ESPONJA para LOUÇA
1	ESCOVA Roupa Plástica menos cor preta
400g	FAROFA Industrializada sem Pimenta
1	FIO DENTAL Transparente Pequeno
500g	FRIOS Fatiado somente 500 Gramas
8	FRUTAS Macã ou Pera
250g	GEL Sem Alcool Pequeno
1	ISQUEIRO de Pedra Transparente
500g	LEITE em Pó Embalagem Transparente
500g	MAIONESE Sachê sem tampa
500g	MARGARINA Pote Plástico
2	PANO DE PRATO Branco
1	PÃO FORMA Pacote 500 gramas
4	PRESTOBARBA descartável
1	Revista ou Livro - Somente no Jumbo
2	Sabão Barra Industrializado Cor Clara
1	SABÃO EM PÓ ou Líquido 500ml
4	SABONETE Menos Cor Preto
150g	SALGADINHO Tipo Conchinha
20	SELO
300ml	SHAMPOO Transparente
150g	Suco em pó menos Uva, Morango, Limão
300g	SUCRILHOS Cor Clara pequeno
1	BERMUDA Sem Ziper Padrão
1	BLUSA Frio Sem Ziper/NÃO pode bran/pret
1	CALÇA Caqui Sem Ziper Padrão
2	CAMISETA Branca Tipo Hering
1	CHINELO Tipo HAVAIANAS
2	CUECA Novas
1	COBERTOR Sem Bordas
1	LENÇOL Solteiro Branco
2	MEIAS Novas
1	TENIS Tipo Futsal Sola Baixa
1	TOALHA Branca

Depositar Todos os Pertences Limpos

SEDEX 10 (Dez) Kilos -ENVIAR XÉROX DO RG DO REMETENTE
 OBS: Depositar CADERNO, REVISTA e LIVRO Somente no JUMBO.

DIA DE ENTREGA DE JUMBO

RAIO 1 - QUARTA-FEIRA
 RAI0 2 - QUINTA-FEIRA
 RAI0 3 - TERÇA-FEIRA
 RAI0 4 - SEGUNDA-FEIRA
 ENFERMARIA - SEGUNDA-FEIRA
 INCLUSÃO - SEGUNDA-FEIRA
 SEGURO - SEGUNDA-FEIRA

12kg

DEPOSITAR TUDO EM EMBALAGENS TRANSPARENTES DAS 08:00 HORAS AS 12:00 HORAS

ROUPAS PARA VISITAÇÃO: "NÃO PODEM CONTER METAL e NÃO USAR BRANCO OU BEJE"

MULHERES: PREFERENCIALMENTE: CALÇA LEGGING (SEM BARRAS, SEM BOLSOS, SEM LISTRAS LATERAIS) E CAMISETA.
 HOMENS PREFERENCIALMENTE: CALÇA DE MOLETON (SEM BOLSOS, SEM BARRAS, SEM LISTRAS LATERAIS) E CAMISETA.
 ALIMENTOS NO DIA DAS VISITA: 05 VASILHAS TRANSPARENTES DE 2,5 LTS- CADA ALIMENTO EM UMA VASILHA - NÃO MISTURAR.
 02 REFRIGERANTES DE 2 LTS (COCA-COLA, LARANJA OU GUARANÁ), 01 GARRAFA DE ÁGUA MINERAL DE 1,5 LT E UM PACOTE DE CIGARROS NACIONAL

BIBLIOGRAFIA

ALVEES, Keeh. "Dia de Visita? *arruma o jumbo comigo* PARTE 1". Youtube, 04/09/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r9GUzzUbbg&t=3s>

ALVEES, Keeh. "Dia de visita 2 ? Jumbão? vlog parte 2" . Youtube. 07/09/2019. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=n65ote8--Go&t=868s>

BATISTA, Gisele da Silva *et al* (org.). **OPORTUNIDADE DE COMÉRCIO FORMAL NO SEGMENTO PENITENCIÁRIO: COMÉRCIO ESPECIALIZADO EM “JUMBO” NO ESTADO DE SÃO PAULO: comércio especializado em “jumbo” no estado de são paulo.** **Intr@Ciência:** Revista Científica, Guarujá, v. 11, n. 2, p. 2-13, jun. 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531134256.pdf. Acesso em: 03 Não é um mês valido! 2021

BRASIL. Renato Campos Pinto de Vitto. Ministério da Justiça (org.). **Levantamento de Informações Penitenciárias:** infopen. Brasília: Sem Informação, 2014. 80 p. Disponível em: http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/infopen_dez14.pdf. Acesso em: 04 ago. 2021.

BUSCHER, M.; VELOSO, L. **Métodos Móveis.** *Tempo Social*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 133- 151, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/articlê/viêw/142258>. Acesso em: 10 jun. 2021

MORAES, Camila Maria dos Santos. John Urry.: what is the future?. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 2, n. 30, p. 226-231, ago. 2018.

CHIKADZE, Thamires Luz. **Turismo penitenciário: uma relação entre prisão e economia.** *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v4, n11, p. 89-102, julho de 2020. ISSN 2526-4702

CORAZZA, Natália. **Engajamentos antropológicos com a prisão: perspectivas de gênero.** *Cadernos pagu (55), DOSSIÊ PRISÕES EM ETNOGRAFIAS: PERSPECTIVAS DE GÊNERO*, p.1-6. 2019.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/4mmCQmk3DQcyzFjz3wN8N6G/?format=pdf&lang=pt>

FERREIRA, Poliana; MACHADO, Maíra; VASCONCELOS, Natália et al. **População negra e prisão no brasil: impactos da covid-19.** *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19, AFRO-CEBRAP*, n. 4, dez. 2020.

Freire-Medeiros, B., Telles, V. da S., & Allis, T. (2018). **Por uma teoria social on the move.** *Tempo Social*, 30(2), 1-16.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeias: as prisões em São Paulo na virada dos tempos.** 2015. 243 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05082015-161338/publico/2015_RafaelGodoi_VOrig.pdf

GODOI, Rafael. (2011), "**Para uma reflexão sobre efeitos sociais do encarceramento**". *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 8: 138-154.

GODOI, Rafael. **Vasos comunicantes, fluxos penitenciários: entre dentro e fora das prisões de São Paulo.** 2015. Disponível em: Universidade de São Paulo (USP) Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8777>

KERGOAT, Danièle. **O cuidado e a imbricação das relações sociais.** In. ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.) *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais.* Trad. Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 17-26.

LAGO, Natália Bouças do. **Dias e noites em Tamara – prisões e tensões de gênero em conversas com “mulheres de preso”** . Cadernos Pagu 55. 2019

LAGO, Natália Bouças do. **Mulher de preso nunca está sozinha: gênero e violência nas visitas à prisão**. Aracê: – Direitos Humanos em Revista, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 35-53, fev. 17.

LINS, Mariana. “**Na casa e na cadeia**: a continuidade da divisão sexual do trabalho na atuação de mulheres visitantes de pessoas presas”. 24 Seminário Internacional de Ciências Criminais, 2019.

SILVESTRE, Giane. **O Rastro da Indústria Penal: A interiorização penitenciária e o novo paradigma dos municípios paulistas**. Revista Levs. n.1, p.94-99 , 2008.

Disponível em : <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/767>

SILVIA, Marísia et al. **Mulheres em visita ao cárcere: um estudo fenomenológico**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.6, n.11, nov. 2020.

Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/19612/15718>